



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

LUANA BACELAR DA COSTA

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: A PRESENÇA DAS TECNOLOGIAS E DOS
CHATBOTS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA MINHA FORMAÇÃO
ACADÊMICA**

**Imperatriz-MA
2025**

LUANA BACELAR DA COSTA

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: A PRESENÇA DAS TECNOLOGIAS E DOS
CHATBOTS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA MINHA FORMAÇÃO
ACADÊMICA**

Memorial de Formação apresentado à Coordenação
do Curso de Pedagogia do Centro de Ciências de
Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão,
como pré-requisito para conclusão do Curso.

Orientadora: Profa. Dra. Késsia Mileny de Paulo
Moura

**Imperatriz MA
2025**

**Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA**

Costa, Luana Bacelar da.

Memorial de formação: A presença das tecnologias e dos chatbots de Inteligência Artificial na minha formação acadêmica / Luana Bacelar da Costa. - 2025.

70 f.

Orientador(a): Késsia Mileny de Paulo Moura.

Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2025.

1. Formação Docente. 2. Narrativa Autobiográfica. 3. Tecnologias Digitais. 4. Inteligência Artificial. 5. Chatbots. I. Moura, Késsia Mileny de Paulo. II. Título.

LUANA BACELAR DA COSTA

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: A PRESENÇA DAS TECNOLOGIAS E DOS
CHATBOTS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA MINHA FORMAÇÃO
ACADÊMICA**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade de Memorial de Formação, apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão, como exigência para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: 10/07/2025.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Késsia Mileny de Paulo Moura
Universidade Federal do Maranhão

1º Examinadora: Profa. Dra. Herli de Sousa Carvalho
Universidade Federal do Maranhão

2º Examinador: Prof. Me. Vicente Marques de Castro Neto
Universidade Federal do Maranhão

*Dedico este trabalho
A Deus, por ser minha força e luz.
A mim, por lutar e não desistir.
Ao meu amado esposo, Danilo
Breno Lima Silva por acreditar
em cada sonho meu. E a ela,
minha mãe, Josiania Silva
Bacelar que me deu a vida e me
ensinou a voar.*

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui foi uma jornada transformadora e cheia de desafios, com longos anos de lições aprendidas e vitórias conquistadas, sendo assim, não poderia deixar de agradecer com o coração transbordando, a todos que tornaram esta caminhada possível.

Agradeço a Deus, pois d'Ele são todas as coisas; e é por causa d'Ele que estou aqui. Com a sua permissão, construí tudo que sou e tudo que tenho. A mão que me sustentou, que ouviu minhas orações e conheceu no íntimo do meu coração cada dificuldade que travei para realizar esse sonho.

Aqueles que, mesmo de passagem, deixaram em mim marcas profundas, cada palavra que me ergueu, cada mão que me ajudou, cada olhar que me entendeu. O meu muito obrigada.

A minha mãe Josiania Silva Bacelar, por ser o alicerce da minha vida, obrigada por ter me mostrado com teu suor que a educação é o caminho mais difícil, porém o mais recompensador. Minha eterna gratidão por semear coisas boas em minha vida.

Ao meu amor, Danilo Breno Lima Silva, meu porto seguro, que carregou meus sonhos como se fossem seus. Foi no teu colo que encontrei forças para continuar nos dias em que as dificuldades quase venceram. A ti dedico a minha eterna gratidão.

Aos meus professores-mestres, que me ensinaram, direta e indiretamente que educar é semear esperança. O meu muito obrigada.

A esta Universidade, que me acolheu e me permitiu crescer como pessoa e como pedagoga. Foi entre estes muros que me descobri capaz, mesmo quando duvidei. O meu muito obrigada.

A minha orientadora, Dra. Késsia Mileny de Paulo Moura, sou profundamente grata pelo acolhimento e pela orientação mediante este trabalho.

E a todos que se doaram, direta ou indiretamente, dedico-lhes o meu agradecimento mais profundo. Este trabalho carrega fragmentos de todos os que passaram pela minha trajetória. Porque nesta vida nada se constrói sozinho.

Sou feita de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida
que passa pela minha e que vou costurando na alma.
Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me
acrescentam e me fazem ser quem eu sou.

Cris Pizzimenti,

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é um Memorial de Formação, que versa sobre a presença e impacto das tecnologias em geral, e dos *chatbots* de Inteligência Artificial (IA) especificamente, ao longo do percurso de vida e formação. Para tanto, delimitou como objetivos principais: abordar por meio de relatos de experiências, de que forma as tecnologias educacionais impactaram o aprendizado durante o Curso de Pedagogia; narrar e analisar de que forma os chatbots de IA puderam contribuir para o processo formativo, especialmente na reta final da graduação; refletir sobre as principais mudanças e contribuições que os chatbots trouxeram, em especial identificar os benefícios e também as implicações para o contexto educacional. Tendo como questão norteadora: Quais as contribuições das tecnologias e dos chatbots de inteligência artificial para a minha formação acadêmica? A pesquisa é de natureza qualitativa com abordagem autobiográfica e seu método consiste em uma narrativa de experiências pessoais e a formação como base teórica. Nesse sentido, se respalda em autores que falam sobre narrativa de formação e identidade docente, através de Josso (2007); cibercultura e papel da tecnologia no conhecimento, por meio de Pierre Lévy (1993); Paulo Freire (1968), que aborda a mediação humana e o papel do educador; Moran (2014), que fala das tecnologias na educação e a exclusão digital, entre outros. Assim, como resultados, a autora resgatou fragmentos da sua história marcada pela presença (ou ausência) de tecnologias durante a sua trajetória escolar, narrando em ordem cronológica a evolução destas, até o momento em que ingressa na Educação superior. Em seguida, delineou a lida com novas ferramentas tecnológicas, em especial os chatbots de Inteligência Artificial, que tiveram contribuições no seu processo de aprendizagem, principalmente na reta final da graduação, quando puderam influenciar na produção de trabalhos, na organização do tempo, no planejamento pedagógico e na superação de desafios. Posteriormente, refletiu sobre os benefícios potenciais e limitações da IA no contexto acadêmico, trazendo abordagens sobre a importância de conhecê-las e fazer uso equilibrado, para que sirvam mais como um auxílio na educação e não como substitutas do pensamento crítico.

Palavras-chave: Formação docente; Narrativa autobiográfica; Tecnologias digitais; Inteligência Artificial; Chatbots.

ABSTRACT

This undergraduate thesis is a Training Memorial, which deals with the presence and impact of technologies in general, and artificial intelligence (AI) chatbots specifically, throughout the life and training path. To this end, it defined the following main objectives: to address, through experience reports, how educational technologies impacted learning during the pedagogy course; to narrate and analyze how AI chatbots were able to contribute to the training process, especially in the final stretch of graduation; to reflect on the main changes and contributions that chatbots brought, especially identifying their benefits and also their implications for the educational context. The research is qualitative in nature with an autobiographical approach and its method consists of a narrative of personal experiences and training as a theoretical basis. In this sense, it is supported by authors who talk about training narrative and teacher identity, through Josso (2007); cyberculture and the role of technology in knowledge, through Pierre Lévy (1993); Paulo Freire (1968), who addresses human mediation and the role of the educator; Moran (2014), who discusses technologies in education and digital exclusion, among others. As a result, the author rescued fragments of her history marked by the presence (or absence) of technologies during her school career, narrating in chronological order their evolution, up until the moment she entered higher education. Then, she outlined her dealings with new technological tools, especially artificial intelligence chatbots, which contributed to her teaching and learning process, especially in the final stretch of her undergraduate studies, when they were able to influence the production of work, the organization of time, pedagogical planning and the overcoming of challenges. Later, she reflected on the potential benefits and limitations of AI in the academic context, bringing approaches on the importance of knowing them and making balanced use, so that they serve more as an aid in education and not as a substitute for critical thinking.

Keywords: Teacher training; Autobiographical narrative; Digital technologies; Artificial intelligence; Chatbots.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 MINHA CAMINHADA FORMATIVA: HISTÓRIAS E APRENDIZADOS	14
2.1 Infância e primeiros contatos com a educação formal	15
2.2 Memórias do Ensino Médio à Educação Superior	25
3 TECNOLOGIA E APRENDIZADO NA MINHA JORNADA ACADÊMICA	29
3.2 A presença das tecnologias na minha jornada acadêmica	32
3.3 Minha Experiência com os Chatbots de IA	35
3.4 A Inteligência Artificial como Ferramenta de Apoio no Estágio em Docência	40
3.5 Outras Aplicações dos Chatbots no Contexto Acadêmico	46
4 IMPLICAÇÕES DO USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA FORMAÇÃO ACADÊMICA	47
4.1 Privacidade e Consciência Digital no Uso do ChatGPT	49
4.2 O chatbots nos estudos da academia	50
4.3 O uso crítico da IA na construção de pesquisas acadêmicas	52
4.4 A Prática Pedagógica Frente às Inovações Tecnológicas na Educação	57
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	62

1 INTRODUÇÃO

O memorial pode ser compreendido como um relato detalhado, geralmente escrito com um propósito específico e delimitado, no qual se retratam algumas nuances e momentos da vida de quem o escreve. No caso de professores em processo de formação, pode-se fornecer lembranças da trajetória escolar ou experiências vividas sobre determinado tema ou período, que sejam significativos à formação. O memorial pode incluir narrativas que contribuam para uma avaliação crítica, em que incentiva a reflexão e a revisão do próprio fazer educativo (Mindal, 2003). Essa compreensão do memorial, evidencia a sua natureza reflexiva, porque destaca o seu papel como um instrumento que permite o resgate de vivências significativas e de análise crítica da trajetória formativa do sujeito.

Nessa perspectiva, Josso (2007) defende que a pesquisa que utiliza da narração das histórias de vida e formação permite compreender como as profundas transformações sociais e culturais impactam diretamente as trajetórias individuais daqueles que as vivenciam. Ao mesmo tempo, esse tipo de estudo possibilita relacionar essas experiências únicas com as expressivas mudanças observadas nos contextos profissionais e sociais mais amplos.

Para quem está em formação, o memorial se configura como um exercício de auto descoberta, pois permite revisitarmos nossas escolhas, aprendizados, dúvidas e até conquistas, encontrando um sentido no percurso que nos trouxe até aqui. O memorial é também considerado um instrumento pedagógico e metodológico que articula memória e formação, justificando sua experiência como objeto de pesquisa e reflexão.

Sobre isso, Rodrigues (2010) discute como as pesquisas na área da educação destacam a memória como um elemento essencial na formação daqueles que se tornarão professores. Assim, ao se adotar uma abordagem interdisciplinar, que faz a integração de saberes diversos, a elaboração dos relatos autobiográficos que o constituirão, pode se converter em uma estratégia mais eficaz para tal formação, enriquecendo-a com recordações vívidas, por meio de reflexões pessoais e aprendizados consolidados.

Como afirmam Prado e Soligo (2005), o memorial é uma ferramenta para narrar histórias pessoais, preservar memórias e refletir sobre transformações, ajudando a compreender o passado e orientar escolhas futuras. Por meio dele, registramos vivências

nunca antes compartilhadas e percebemos nossa evolução, atribuindo novos sentidos às experiências formativas.

Dito isto, este memorial tem como questão norteadora entender quais as contribuições das tecnologias e dos chatbots de inteligência artificial para a minha formação acadêmica. Tendo como objetivos principal e específicos, abordar por meio de relatos de experiências, de que forma as tecnologias educacionais impactaram o meu aprendizado durante o curso de pedagogia; narrar e analisar de que forma os chatbots de IA puderam contribuir para o processo formativo, especialmente na reta final da graduação e refletir sobre as principais mudanças e contribuições que os chatbots trouxeram, em especial identificar os seus benefícios e também as suas implicações para o contexto educacional.

Para tanto, relatar a presença das tecnologias durante a minha jornada de vida pessoal e acadêmica, destacando de modo especial, como se deu a adoção e contribuições de *chatbots* de Inteligência Artificial (IA) ao longo da descrita formação na Educação superior.

Essas ferramentas, que se tornaram marcantes durante a graduação no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), puderam influenciar de maneira direta e indireta o meu processo de aprendizagem, constituindo-se como um dos elementos mais relevantes na construção dos meus conhecimentos em diversos momentos e situações, sobretudo nos últimos anos, quando se tornaram aliados multitarefas por suas inúmeras funcionalidades.

A título de ilustração, me ajudaram a organizar melhor o meu tempo, enquanto outras me permitiram ter um aprofundamento mais concreto sobre diversos assuntos. Especialmente no final do curso, com o uso de *chatbots*, principalmente o chat GPT, passaram a ser importantes mediadores, me auxiliando na elaboração de ideias, na revisão de conteúdos e até no planejamento de atividades durante a regência nos estágios obrigatórios, pois, Santos et al. (2019) destacam que a tecnologia deixou de ser uma mera distração e passou a se tornar uma ferramenta com grande potencial para melhorar o aprendizado. Por meio dela, é possível promover aulas mais atrativas, dinâmicas e eficazes, tornando o processo educacional muito mais rico e diversificado.

Diante disso, construir essa pesquisa em formato de memorial, quando narro a presença das tecnologias e da IA na formação, torna esse tema um pouco fora do convencional, surgindo a ideia de elaborar algo nesse sentido, nas minhas próprias necessidades como estudante, pois, ao longo da graduação, experimentei o poder da escrita narrativa, e pude de fato, compreender que cada ser humano, tem algo a dizer que possa

contribuir para a sociedade em que vive. Pensando nisso, surgiu a ideia de descrever como essas diversas ferramentas tecnológicas educacionais puderam tornar essa jornada ainda mais especial.

A metodologia adotada neste memorial é de cunho qualitativo, com enfoque autobiográfico e reflexivo, em que utilizo a narrativa da minha trajetória de vida e formação como base para análises e reflexões sobre a adoção das tecnologias, analisando as experiências, fazendo conexões e discussões sobre educação e tecnologia. Além de listar os muitos benefícios, mostro como foi utilizar essas ferramentas na prática, com os acertos, dificuldades e surpresas, reconhecendo os limites e as potencialidades desse processo de aprendizagem mediado pelas inovações tecnológicas. A delimitação temporal da pesquisa abrange fragmentos que vão desde a infância até a conclusão da graduação, enquanto o contexto espacial se refere ao período escolar e a Universidade Federal do Maranhão, no campus Imperatriz.

Por que focar na minha experiência acadêmica com os *chatbots*? Porque representam uma inovação recente, ainda pouco explorada em pesquisas acadêmicas na perspectiva de quem os utiliza no dia a dia. Apesar do seu potencial ser grandioso, o seu uso também pode ser desafiador, especialmente no que se refere a respostas imprecisas ou à tendência à dependência excessiva da tecnologia.

Ao narrar essas experiências, almejo contribuir para um debate mais profundo e verdadeiro sobre o tema, motivando, assim, outros estudantes e educadores a pensarem criticamente sobre seu uso. Afinal de contas, a educação encontra-se em contínua transformação, e o ato de compartilhar vivências concretas se configura como um meio essencial para entender e aperfeiçoar o caminho que todos nós estamos construindo em conjunto.

No contexto atual em que vivemos, é quase impossível imaginar a educação sem algum desses recursos. A Inteligência Artificial nesse sentido, se apresenta como um dos avanços tecnológicos mais presentes na atualidade, embora sua criação não seja de fato recente. Assim, este memorial também se justifica pela sua relevância social e acadêmica, pois pode contribuir para ampliar a compreensão sobre a funcionalidade e o impacto das tecnologias emergentes, especialmente da Inteligência Artificial, na formação de futuros docentes.

Por fim, o trabalho está estruturado da seguinte forma: iniciando pela introdução, apresento a contextualização do tema, a justificativa, os objetivos e a relevância da pesquisa.

Em seguida, relato a minha caminhada formativa, desde a infância até a Educação Superior, destacando o lugar das tecnologias em cada uma dessas etapas. Posteriormente, abordo especificamente a utilização dos *chatbots* de Inteligência Artificial na minha trajetória acadêmica, descrevendo seu uso na prática docente e fomento de suas implicações para a educação. E, por fim, faço as considerações finais, contemplando sobre os aprendizados adquiridos e os desafios enfrentados neste percurso formativo.

2 MINHA CAMINHADA FORMATIVA: HISTÓRIAS E APRENDIZADOS

Neste capítulo correspondente à segunda parte deste memorial, revisito as etapas da trajetória escolar, nas quais iniciei o meu processo formativo: a Educação Infantil, o Ensino Fundamental, o Ensino Médio e a Educação Superior.

Ao narrar essa parte pessoal de vida, consigo trazer as experiências vividas mais importantes, que contribuíram para a construção da minha identidade acadêmica. Por meio desse processo de reflexão busco compreender como cada uma das seguintes fases da minha vida, foi diretamente ou indiretamente afetada pelas tecnologias, ou a falta dela, até o momento em que ingressei na universidade.

Ao revisitar o passado, consigo perceber uma variedade de lembranças que trazem consigo sentimentos e emoções que estavam guardadas. Busco ser o mais fiel possível a essas memórias, tendo o cuidado e sensibilidade de narrá-las com carinho. Ao mesmo tempo, reconheço que o olhar do presente, transformado pelo tempo e pelas experiências que vivi desde então, me permitem reinterpretar essas vivências com uma compreensão mais madura.

Como bem colocado por Passeggi (2011, p. 148) “a experiência é ressignificada, razão estimulante para a pesquisa educacional, pois nos conduz a buscar as relações entre viver e narrar, ação e reflexão, narrativa, linguagem, reflexividade autobiográfica e consciência histórica”. A partir dos dizeres da autora, podemos identificar a importância de dar novos significados às nossas experiências, partindo desse princípio, isso nos mostra como narrar a nossa trajetória não é apenas contar uma história, mas é também refletir sobre ela, conectando nossas vivências com ações e pensamentos. Vamos aos relatos!

2.1 Infância e primeiros contatos com a educação formal

Me chamo Luana Bacelar da Costa, nasci no dia 27 de outubro de 1998, em Imperatriz, a segunda maior cidade do estado do Maranhão, às margens do Rio Tocantins. Nasci e cresci nesse mesmo lugar durante toda a minha existência, vivendo por 24 anos na mesma casa, no bairro Vila Lobão, na periferia da cidade.

Sou filha de uma mãe solteira que mal concluiu o Ensino Médio. Sou o resultado da luta e bravura de quem transformou sonhos em degraus, mesmo sem saber como construir escadas. Fui filha única por toda a minha vida, não tive irmãos, o que tornou essa infância significativamente solitária. A casa em que eu morava estava sempre composta apenas por adultos, sendo eles, minha mãe, Josiania Bacelar, minha avó, Maria do Socorro Bacelar, meu tio Joedson Bacelar e eu.

Como adultos, a maioria deles estavam sempre ocupados com suas próprias questões. Por conta disso, tive uma infância mais isolada, precisando constantemente criar e reinventar minhas próprias diversões. As crianças com quem eu convivia eram as que moravam na mesma rua ou na escola. Sempre nos finais de tarde, a maioria das crianças do bairro se reuniam para brincar de pular corda, elástico, correr e outras atividades e quando eu não estava com elas, o meu passatempo se resumia a ler, escrever ou assistir TV.

Entre as memórias mais preciosas e marcantes que guardo com carinho, está a de ser uma criança que adorava ler. Assim que aprendi, devorava qualquer coisa que encontrasse, como os jornais entregues em casa, revistas variadas, e até aquelas listas telefônicas enormes que quase todo mundo tinha em suas residências, e assim eu passava horas lendo seus anúncios e classificados.

Também gostava muito de escrever, fazendo desenhos e criando histórias sobre eles. Sempre que desenhava, dava nomes aos personagens e inventava uma história para explicar a origem de cada um, eu gostava da sensação de como a imaginação se distraía vagando longe, imaginando uma variedade de cenários.

Minha alegria mais genuína era ganhar gibis, revistas e os livros infantis distribuídos na escola. Sempre me senti muito à vontade nesse papel, e o universo da escrita e da leitura era algo natural para mim. Detalhar cenas, criar reviravoltas e transformar personagens em protagonistas era o auge da diversão, por volta dos seis ou sete anos de idade.

Poersch (2001) defende como uma das principais ideias em sua obra: *A leitura como fonte de saber linguístico: processos cognitivos*, que a leitura se constitui como uma das

principais formas por meio dos quais o indivíduo pode adquirir conhecimento linguístico, tanto em seu nível prático, como utilizar a língua por exemplo e quanto na forma teórica, como refletir sobre a linguagem por meio de gramáticas, livros e outras. Além disso, destaca que o processo de leitura provoca alterações físicas no cérebro, como mudanças nas suas sinapses neuronais, o que reforça a importância na formação cognitiva daquela pessoa que lê.

O autor defende que a leitura não se configura como uma atividade passiva ou mecânica, mas, pelo contrário, se consiste em um processo ativo, complexo e absolutamente indispensável para tanto a aprendizagem quanto o desenvolvimento das competências linguísticas. Paralelo ao que aponta o autor, na infância, a leitura era um refúgio, quase como uma necessidade de imaginação, o que foi positivamente contribuidor para o desenvolvimento das minhas capacidades expressivas.

Também, durante a infância, era comum que famílias que eu conhecia e de menor poder aquisitivo tivessem maior acesso a meios de comunicação como o rádio, as revistas e, principalmente, a televisão, realidade essa que também era a que eu estava inserida. Nesse contexto, programas televisivos que apresentavam conteúdos educativos e de entretenimento, como os exibidos pela TV Cultura ou o programa "*Art Attack*" exibido pela Disney Channel, que ensinava artesanato utilizando materiais simples, muitas vezes encontrados em casa, funcionaram como as primeiras formas da minha aprendizagem autônoma e criativa.

Esses programas, os quais também podem ser considerados formas tecnologias educativas, contribuíram de uma forma única e especial, não apenas para o desenvolvimento da sensibilidade, mas também para a criatividade e imaginação, além de terem desempenhado um papel complementar na formação da minha personalidade. Ainda nesse sentido, posso descrever essa infância como sendo profundamente marcada por uma relação simples e de muito afeto com as tecnologias encontradas em minha casa.

Naquela época, esses recursos tecnológicos eram poucos, à vista do que temos hoje à nossa disposição. O rádio, por exemplo, foi um dos maiores recursos tecnológicos presentes em casa, juntamente com a televisão, eram as formas mais imediatas de se obter notícias e informações.

Santiago (2017) aborda como o rádio e a televisão no Brasil, exerceram inicialmente uma função educativa fundamental, impulsionada sobretudo por ações públicas vinculadas ao Ministério da Educação (MEC) antes de se firmarem como veículos comerciais. Essa reflexão confirma como esses meios de comunicação atuaram também, no meu caso, como importantes mediadores de aprendizagens e estímulos para a imaginação, complementando o

que era aprendido no ambiente escolar, além de ampliar as possibilidades existentes de acesso ao conhecimento e à cultura.

Esse tipo de tecnologia analógica representou o principal canal doméstico de conhecimento para o mundo externo, e sem me dar conta, funcionaram como instrumentos de formação intelectual, cultural e criativo, visto que o que eu ouvia e assistia, influenciaram na forma como era possível desenvolver e exercitar a criatividade nas brincadeiras, nos desenhos, na pintura e na escrita.

Nesse sentido, Chaves (1998, p. 51) afirma que "na sociedade da Informação, as pessoas se educam enquanto trabalham, assistem TV, viajam ou se divertem". Isso mostra que o aprendizado acontece em diversos contextos. Cada etapa dessa trajetória pessoal foi marcada por um tipo de tecnologia, seja ela doméstica, comunicacional, educacional ou digital. E ao longo dos anos, pouco a pouco as tecnologias foram se transformando e também transformaram a forma como me conectava com o mundo.

Rememorar isso agora me fez perceber que, como afirma Ferreira (2015), a narrativa possui uma função formativa fundamental, pois articula memória, oralidade e educação, transmitindo saberes e valores de geração em geração, o que evidencia que a formação que adquiri foi moldada não apenas pelas tecnologias, mas também pelas histórias, músicas e narrativas que essas tecnologias me proporcionaram.

Com o tempo, fui percebendo que a tecnologia não está restrita ao computador ou à internet, mas está presente nas pequenas coisas que facilitam e transformam o nosso cotidiano. Segundo Veraszto *et al.* (2008) as tecnologias são um conjunto de saberes inerentes ao desenvolvimento e concepção de instrumentos criados pelo homem para satisfazer necessidades pessoais e coletivas, levando em consideração aspectos técnicos, sociais, culturais e históricos.

Dessa forma, podemos descrevê-la como uma forma de conhecimento que acontece de maneira contínua e evolui principalmente para a transformação da sociedade. Embora a tecnologia possa influenciar diversos momentos da vida, a minha formação inicial ocorreu em um contexto marcado justamente por sua ausência, como exemplificado adiante.

O primeiro momento em que tive contato com o ensino formal foi aos quatro anos, por meio da escola do bairro em que morei, chamada Escola Municipal Menino Jesus II.

Figura 1: Foto atual da escola (2025)



Fonte: Acervo Pessoal

Nessa mesma época, no início dos anos 2000, os recursos tecnológicos digitais na escola eram praticamente inexistentes. Por exemplo, as atividades eram impressas em mimeógrafo, as aulas eram compostas pelo quadro verde de giz e o livro didático, apenas.

Na mencionada instituição, cujas condições eram bastante limitadas, não havia biblioteca ativa, tampouco computadores. As outras crianças que como eu, compunham a primeira geração do século XXI, tinham pouco ou nenhum contato direto com esse tipo de tecnologia em seus processos formativos, sendo essa a realidade da maioria das escolas públicas da cidade em que cresci.

É notável perceber como a ausência desses recursos, os quais hoje consideramos básicos, limitava o ensino oferecido nessa época, principalmente na maneira pelo qual o conhecimento era transmitido, visto que esses processos ficavam restritos por um ensino verbal vindo do professor, com o auxílio do livro didático. Sobre essa época escolar, Valente; Freire e Arantes, (2018, p. 5) abordam:

Naquele início de década, o giz e o quadro negro compunham a principal ferramenta de ensino disponível nas escolas brasileiras, assim como as enciclopédias constituíam a fonte primordial de pesquisa para os trabalhos dos alunos. Computadores eram raramente encontrados não só no ambiente escolar, mas também nos lares das pessoas. Os poucos equipamentos que chegavam ao país tinham preço de artigo de luxo, embora não passassem de versões obsoletas dos modelos vendidos no exterior.

A partir das reflexões dos autores, entendemos que mediante a grande variedade de ferramentas disponíveis que auxiliam no processo formativo dos estudantes, é possível refletir como seria valioso ter todos esses recursos no ensino ofertado nessa época escolar do ensino fundamental, porém isso só aconteceu anos depois e fora da escola. Nesse quesito, a escola abordava um ensino tradicional e se parecia mais com um espaço fechado, alheio às muitas possibilidades de inovações. Esses aspectos não mudaram mesmo após a minha saída desta escola, quando ingressei nos anos finais do ensino fundamental.

No ano de 2010, passei a integrar a Escola Municipal Castro Alves I, que atendia do sexto ao nono ano. Não havia biblioteca e a sala de informática era desativada. A instituição até possuía uma sala de informática com computadores e equipada com material necessário para termos um ensino conectado, mas permaneceu desativada durante todo o tempo em que estudei na escola. Não consigo me recordar exatamente porque a sala de informática não funcionava, embora os professores frequentemente pedissem trabalhos escolares que exigiam pesquisa.

Figura 2: Foto atual da escola (2025)



Fonte: Acervo pessoal.

A maioria dos alunos, incluindo eu, eram de famílias de baixa renda e não tinham acesso a computadores em casa. É possível que a falta de uso da sala de informática da escola pode ter sido o resultado de uma variedade de fatores, como problemas de manutenção dos

equipamentos, ou mesmo a falta de acesso à internet que naquela época não era tão vasta quanto é hoje, o que sinceramente tornava o espaço pouco útil.

É possível que houvesse falta de consciência sobre o valor da tecnologia na educação, além de pouco incentivo ou capacitação para os professores. Além disso, essas questões provavelmente dependiam de órgãos como a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) o que poderia explicar a falta do devido suporte. Esse contexto me remete a Moran (2014, p. 4) quando ressalta que:

Escolas não conectadas são escolas incompletas (mesmo quando didaticamente avançadas). Alunos sem acesso contínuo às redes digitais estão excluídos de uma parte importante da aprendizagem atual: do acesso à informação variada e disponível on-line, da pesquisa rápida em bases de dados, bibliotecas digitais, portais educacionais; da participação em comunidades de interesse, nos debates e publicações on-line, enfim, da variada oferta de serviços digitais.

Podemos entender como a inclusão digital, que é fundamental e da qual faz parte a educação contemporânea, quando não é garantida, cria uma desigualdade na formação dos estudantes, que passam a ser excluídos de oportunidades essenciais, como o acesso à informação e o desenvolvimento de certas competências. Para Moran (2014) a exclusão digital representa uma das formas mais severas de exclusão social, por impedir que os indivíduos participem plenamente do mundo da informação, comunicação e aprendizagem contínua.

Nesse sentido, narrar e compreender essas vivências, me permite dar novos significados a minha própria trajetória, reconhecendo a partir dessas narrativas, tanto os limites, quanto as vastas possibilidades das experiências formativas que ajudaram a me construir como sujeito.

Como bem destaca Josso (2007), a narração das histórias de vida se configura como uma mediação essencial do conhecimento de si, possibilitando ao sujeito que tome consciência das múltiplas representações que construiu ao longo dos anos. Dessa forma, ao rememorar-se essas situações, é possível perceber de forma clara, como certas condições estruturais e políticas impactaram profundamente a relação entre tecnologia e educação no contexto escolar, moldando, de maneira considerável, a minha visão atual e a minha prática pedagógica.

Ainda nesse contexto escolar, entre todas as matérias dos anos finais do Ensino Fundamental, a língua inglesa se destacou como minha favorita. Durante o sexto ano, tive o primeiro contato com a disciplina e a partir de então, conheci um mundo completamente

novo, mas o ensino de idiomas também era muito limitado. Tínhamos apenas o livro didático como referência, e nossa aprendizagem também se resumia a ler textos e repetir frases do livro.

Esporadicamente ocorreram momentos compostos por músicas, filmes e diálogos entre a turma. Também foi mais ou menos nessa época que passei a consumir todo tipo de conteúdo estrangeiro, como músicas, filmes e vídeos na TV, especialmente aqueles que tinham legendas, assim era possível aprender uma variedade de palavras novas por vez.

Esse tipo de limitação era a realidade de todo o contexto escolar que conheci. Sobre isso, Moran (2014, p. 3) faz uma crítica, dizendo:

Não basta colocar os alunos na escola. Temos de oferecer-lhes uma educação instigadora, estimulante, provocativa, dinâmica, ativa desde o começo e em todos os níveis de ensino. Milhões de alunos estão submetidos a modelos engessados, padronizados, repetitivos, monótonos, previsíveis, asfixiantes.

Portanto, é possível compreender que o verdadeiro desafio da educação, vai além de somente garantir presenças físicas na escola, mas garantir que essas experiências sejam vivas, criativas e transformadoras para cada estudante. Essa percepção se tornou clara para mim quando, fora do ambiente escolar, tive acesso à internet por volta dos meus dez anos, quando passei frequentar as *lan house* do bairro com os amigos.

Ir à *lan house* era mais do que entretenimento para uma pré adolescente igual a mim naquela época, foi ali que comecei a descobrir as várias possibilidades oferecidas pelo o universo digital. Passei a ter contato com jogos online, sites de busca, redes sociais iniciais como o extinto *Orkut* e o *MSN*, sobretudo, com a possibilidade de me comunicar com pessoas de diferentes lugares, além do genuíno desejo de constantemente explorar.

A partir dessa mesma época, passei a ter uma rotina dividida entre a escola e os computadores da *lan house*. Aos poucos, fui tendo certas dimensões sobre o que é ser conectado, muito mais que uma questão de entretenimento, como também, uma ferramenta em potencial no que se refere ao acesso à informação e expansão de horizontes. Viver conectada passou a representar para mim, uma forma nova de enxergar o mundo que vivemos. As únicas formas de meios de comunicação que conheci naquela época eram a televisão, o rádio, o telefone, os jornais e revistas.

E então, de repente, tudo passou a estar concentrado no mesmo lugar, por meio da internet, era possível ler informações, falar com pessoas de outros lugares, sem se preocupar com tempo ou valores, como o telefone por exemplo. Tudo era muito instantâneo, esse tipo de coisa permite ao ser humano enxergar o mundo de uma forma completamente diferente.

Ainda nesse sentido, tive o primeiro celular aos doze anos. E para muitos pré-adolescentes, o primeiro celular representava uma forma de expressar sua própria liberdade, embora naquela época, a maioria dos celulares servissem apenas para ligações e trocas de mensagens de texto, ainda sim, era um grande passo, pois marcava o início de uma certa independência e o sentimento que novas portas se abriam para muitas possibilidades.

Cerca de um ano depois, em 2011, aos 13 anos, ganhei o primeiro computador, sendo um daqueles modelos *desktop* mais atuais. Essa época realmente foi motivo de muita satisfação, porque representou o início na minha autonomia em vários aspectos. E por ter tido uma infância praticamente isolada do mundo digital, essa transformação mudou a minha percepção de mundo, pois por meio dele, achava que poderia utilizar para diversas finalidades, como pesquisar, explorar e aprender sozinha sem depender de meios externos, ou de terceiros.

Fiolhais e Trindade (2003) discutem sobre a década de 1980 como sendo um período crucial para a educação, impulsionada por inovações tecnológicas. A chegada da Internet e o desenvolvimento da *World Wide Web* nesse período, que se popularizaram nos anos 90, transformaram o ensino ao tornar o acesso à informação muito mais fácil. Somado a isso, os anos 90 presenciaram computadores mais poderosos, com gráficos aprimorados e preços mais acessíveis, o que fez com que se tornassem mais presentes em lares e escolas.

Os autores também discutem como o computador evoluiu de uma ferramenta incipiente para um instrumento fundamental e cada vez mais integrado aos processos de aprendizagem, impulsionado por avanços tecnológicos e uma compreensão mais profunda de como os alunos aprendem. Nesse sentido, conforme o utilizava para as mais diversas tarefas no meu dia a dia, notei como a internet oferecia de tudo, material de estudos em PDF, fóruns como o *Yahoo* Respostas e o *Brainly*, além de outros sites com informações disponíveis. Por meio deles era possível ampliar as minhas possibilidades de conhecimento, e embora fosse tão útil, a verdade é que, naquela fase, ainda não tinha conhecimento em como usá-lo da maneira certa, e de uma forma realmente proveitosa para os estudos.

Na escola, as atividades de pesquisa eram frequentemente solicitadas, embora não soubéssemos de fato como uma pesquisa deveria funcionar, que consiste basicamente em buscar informações, verificar suas fontes, ler de fato, interpretar e escrever com nossas próprias palavras a partir do nosso entendimento. Por isso, como alunos, acabávamos apenas copiando qualquer conteúdo que encontrássemos e entregávamos sem ao menos entender o que de fato era pedido. Hoje percebo que, mesmo tendo acesso a uma ferramenta tão útil

como o computador, faltava o devido entendimento em como usá-lo de forma eficaz. Esse entendimento só veio anos depois, com mais maturidade.

Esses relatos contrastam bem com o que defende o autor Xavier (2011) que coloca a importância do letramento digital na geração Y. Neste caso, o letramento digital é essencial pois não se limita ao mero acesso aos dispositivos tecnológicos, mais do que isso, envolve a aquisição de habilidades que permitem ler, interpretar, produzir e interagir nesse ambiente mediado pelas tecnologias.

No espaço escolar, tal competência não consiste apenas em saber operar um computador, mas exige a capacidade de analisar criticamente a informação, selecionar fontes idôneas e transformar dados em conhecimento. Dessa forma, como ressalta o autor, embora muitos jovens da Geração Y já dominem tais ferramentas desde cedo, nem sempre desenvolvem as habilidades reflexivas necessárias sobre o conteúdo que consomem.

O autor também destaca ainda, que o domínio técnico, ainda que relevante, não assegura por si só um uso pedagógico efetivo. Para tanto, é preciso que a escola não apenas reproduza informações, mas que promova uma apropriação crítica do saber. Essa lacuna marcou minha experiência escolar: apesar de ter acesso aos recursos digitais, faltou a devida mediação para um letramento verdadeiramente completo.

Além do mais, segundo o autor, a escola deve reformular suas práticas mediante as mudanças sociotécnicas, utilizando-se das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) como ferramentas capazes de potencializar a aprendizagem. Nesse caso, a falta dessa orientação mostrou-me que o letramento digital não ocorre espontaneamente, porque requer intencionalidade pedagógica e amadurecimento cognitivo, fatores que só vieram a se consolidar em mim mais tarde.

Apesar de todos os benefícios proporcionados por uma tecnologia digital desse porte, o acesso constante a esse tipo de ferramenta representou igualmente o início de algumas problemáticas. Carr (2010) menciona que nossa atenção excessiva ao conteúdo de uma mídia pode nos impedir de perceber seus efeitos mais profundos. Segundo ele, estamos tão ocupados em nos encantar ou nos perturbar com o que vemos na tela que não notamos o que está acontecendo em nossas mentes.

Nesse sentido, durante a minha adolescência, o isolamento causado pelo uso constante do computador gerou um problema considerável. Enquanto meus colegas saíam para se

encontrar, frequentemente escolhia permanecer em casa dedicando horas a conversar online com amigos distantes, ou apenas navegando na web.

Sobre isso Carr (2010) da mesma forma, afirma que a mesma tecnologia que facilita o acesso a uma variedade de conteúdos, simplificando a nossa comunicação, também pode paralelamente nos isolar e nos conduzir a informações imprecisas. Dessa forma, sentia-me próxima de quem estava longe, mas, ao mesmo tempo, afastada de quem estava ao meu redor.

No início, não parecia um problema, mas, com o tempo, os efeitos começaram a surgir, como por exemplo, foi uma época em que pela primeira vez, tive um baixo rendimento na escola, assim como em outras atividades pessoais, e até mesmo compromissos importantes eram muitas vezes deixados de lado de propósito.

Conforme analisado por King (2014), o uso excessivo de tecnologias é caracterizado não apenas pelo tempo de exposição, mas sobretudo pelos prejuízos que causa, como deterioração das relações sociais, alterações de humor, distorção temporal e substituição da realidade pelo virtual, configurando um padrão problemático quando esses efeitos comprometem a vida do usuário. Dessa forma, existem estreitas relações entre o excessivo uso de telas com a diminuição do desenvolvimento escolar, assim como outras áreas da vida pessoal Barbosa *et al.* (2024)

Outro problema existente, foi a exposição a *malwares* e os riscos à privacidade, questões que desconhecia até ter pela primeira vez, todo o sistema do meu computador corrompido por um vírus desconhecido. De acordo com Fernandes e Teixeira (2024), a consciência em segurança digital é essencial para proteger dados e sistemas, uma vez que a maioria dos incidentes está relacionada a comportamentos inadequados dos usuários, como o uso de senhas fracas ou a interação com e-mails maliciosos.

Dessa forma, faz-se necessário uma formação contínua e a adoção de práticas mais seguras, que são fundamentais para reduzir esses tipos de riscos. Castells e Cardoso (2005) confirmam quando discutem como as tecnologias da informação e comunicação (TICs) não são apenas ferramentas neutras, pois o impacto depende do uso, do contexto social, econômico e político em que estão inseridas. Essas experiências me ensinaram que as ferramentas de tecnologia, por si só, não garantem a aprendizagem, nem conseguem ser benéficas se não houver um equilíbrio e o devido conhecimento, todo e qualquer recurso tecnológico utilizado sem o devido direcionamento, continua sendo apenas um recurso.

Nesse sentido, Lévy (1993) afirma que a tecnologia vai além de um simples instrumento, pelo fato de que se constitui um espaço que transforma tanto as interações

sociais quanto os processos cognitivos. Dessa forma, atua como mediadora, não como objetivo final. O autor nos leva a considerar que a tecnologia não é algo neutro ou isolado, influencia profundamente a maneira como vivemos, nos comunicamos e pensamos.

2.2 Memórias do Ensino Médio à Educação Superior

Essas reflexões mais profundas sobre o uso consciente da tecnologia e sua influência no meu processo de aprendizagem se tornaram ainda mais importantes conforme eu avançava nos meus estudos. Com a conclusão do ensino fundamental no ano de 2013, finalmente iniciei uma etapa nova educacional, que trouxe desafios complexos e muitas transformações pessoais.

Dessa forma, iniciei o Ensino Médio na escola Estadual Dorgival Pinheiro de Sousa no ano de 2014, onde estudei do 1º ao 3º ano. Para uma jovem que cresceu na periferia, estudar em uma escola no centro da cidade trouxe uma certa liberdade, muito esperada e realmente foi de muito crescimento acadêmico e pessoal, além de trazer novas amizades e uma rotina diferente em uma instituição que era considerada referência na época.

Figura 3: Foto atual da escola (2025)



Fonte: acervo pessoal

Se no Ensino Fundamental meu mundo era feito de Português, Matemática e Ciências Básicas, no Ensino Médio se expandiu para Química, Física, Filosofia, Sociologia e Biologia e assim, o conhecimento de repente passou a ser muito mais profundo e complexo.

A essa altura, o acesso a internet estava mais facilitado, na palma da mão, com os *smartphones* se tornando cada vez mais populares, o que facilitava um contato mais direto com a internet e dessa forma, a troca de informações e a comunicação nos permitia ter um acervo muito maior para estudar de forma mais completa e acessível. Sobre isso, Junior (2014) afirma que juntamente com o computador, nos últimos dez anos houve um grande *boom* da *Internet*, o que ampliou a capacidade de pesquisa e interação dos estudantes. Por meio da Internet e das mídias sociais, foi possível obter um desenvolvimento maior de técnicas que visem sua utilização no processo de aprendizagem

Recordo-me de ser uma época da minha adolescência também marcada por muitas novidades tecnológicas, como o crescimento do uso de aplicativos, muitos deles voltados para a educação. A crescente utilização de redes sociais, principalmente *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*, como ferramentas de comunicação e interação universais, tornava muito mais fácil trocar informações com os colegas, pois a maioria estava abandonando os telefones tradicionais para os smartphones com Internet.

Foi uma época em que o uso de grupos no *WhatsApp* começou a crescer, e todos compartilhavam informações em tempo recorde. As turmas criaram grupos para conversas informais, trocas de aprendizados e até para esclarecer dúvidas escolares. Era mais fácil ter acesso a qualquer tipo de dado, e até os sistemas de notas passaram a ser online. Nesse sentido Júnior (2014, p. 03) afirma que:

A atual geração de alunos está inserida atualmente em um mundo totalmente globalizado e integrado dentro de ambientes tecnológicos, desde o celular, programas de TV, internet, e-mails entre outros, impactando diretamente em sua postura e posicionamento dentro da sala de aula e do ambiente escolar.

O autor reflete como isso influencia diretamente como os alunos se comportam e interagem no contexto escolar. Essa fala revela que a tecnologia não é mais uma ferramenta ocasional na vida dos estudantes, pois passou a ser o próprio universo onde nascem. Mesmo estando inseridos em um universo completamente conectado e as possibilidades de ensino estarem se expandindo, dentro da escola não sentíamos essa transição.

Em sala, o ensino ainda era muito tradicional, dependente dos livros e do quadro. Apesar da estrutura engessada do ensino que conhecíamos, foi nesse mesmo ambiente que passei a vivenciar mudanças muito importantes para um educando do ensino médio, devido às muitas experiências adquiridas, das reflexões, descobertas e do peso das responsabilidades que essa fase me proporcionou.

Sobre este momento da minha vida, posso dizer que o ensino médio mudou completamente a minha visão de mundo, principalmente no que se refere a independência e consciência de classe. Descobri filosofias que mudaram minha mente, além de lidar com o peso de possíveis escolhas que poderiam definir todo o meu futuro.

Noutro prisma, a pressão para realizar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) se aproximava cada vez mais e me preocupava, principalmente pelas diferenças escancaradas de ensino entre a rede pública e privada, onde o acesso desigual aos recursos, tecnologias e metodologias preparatórias nos colocavam em desvantagem em uma disputa por uma vaga na Educação Superior. No auge daquela época, eu ainda não tinha um direcionamento do que eu estudaria depois de terminar o Ensino Médio, apenas tinha ciência que precisava ingressar na Educação Superior, porque era isso que a sociedade esperava.

A pressão era tanta que no segundo ano do Ensino Médio, em 2015, eu fiz o ENEM pela primeira vez apenas para testar os meus conhecimentos e qual foi a minha surpresa, ao perceber que muitos dos assuntos abordados, eu sequer conhecia. Foi uma dura realidade perceber que para estar entre os melhores, era necessário um esforço extra.

Naquele momento eu já tinha algumas ferramentas ao meu favor. O acesso à internet estava mais presente, com wi-fi, smartphones e um computador em casa. E foi assim que a tecnologia, a internet em específico, foi se tornando para mim uma das principais ferramentas de aprendizado. Em razão da escola não me proporcionar todos os recursos que eu precisava, eu tive que buscá-los por conta própria. O *YouTube*, por exemplo, foi uma das ferramentas que mais me ajudaram a estudar de forma autônoma, o *Google* era a biblioteca que eu tinha à minha disposição, todo e qualquer material era possível obter de forma simples, bastava digitar na internet e uma variedade surgia, de forma gratuita ou paga.

Siemens (2005) aborda que a integração de tecnologias digitais, as quais incluem plataformas online, redes sociais e ambientes virtuais de aprendizagem, permite criar um ambiente propício para que os estudantes possam vir a aprender de forma colaborativa, ao compartilharem ideias e recursos. Isto permite-lhes desenvolver um conhecimento mais amplo e diversificado, uma vez que a interação, que ocorre constantemente nesses espaços interconectados, estimula a troca de perspectivas, e o acesso a inúmeras fontes de informação e a construção coletiva do saber, ultrapassando os limites convencionais das salas de aula tradicionais.

Assim, a tecnologia deixa de ser apenas um instrumento isolado para vir a expandir as muitas potencialidades de aprendizagem colaborativa e a formação de saberes mais

complexos, interdisciplinares e construídos de forma coletiva. A partir da reflexão do autor, é possível afirmar que a integração de plataformas digitais e redes sociais na educação me permitiu expandir meus conhecimentos, ampliar meu aprendizado e me conectar com pessoas e ideias diferentes em qualquer lugar do mundo.

Fiz o ENEM novamente em 2016, já com 18 anos, mas minha nota não foi satisfatória. No mesmo ano também concluí o ensino médio. E, mesmo sem ter certeza do curso que queria seguir, ver aquele resultado foi uma frustração. O ano seguinte começou com a sensação de estar perdida, sem saber qual caminho buscar. Como todo jovem recém-formado no ensino médio, comecei a buscar trabalho, e enquanto isso, estudava em casa com os recursos que tinha à disposição.

Com a nota que havia tirado no último exame, consegui ser aprovada no Curso de Ciências Naturais (Biologia) na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) no segundo semestre de 2017. A notícia foi uma surpresa e motivo de felicidade também, embora não tivesse muita certeza se estava no curso certo. Nessa época tentava conciliar a rotina de trabalho com os estudos, o que era particularmente desafiador.

Logo, percebi que não seria tão simples. O curso exigia muito, e eu não tinha tempo para acompanhar os colegas, participar de grupos de estudo ou realmente me aprofundar nos conteúdos. O peso do trabalho e da faculdade começou a me desgastar, e a frustração começou a surgir. Eu sentia que estava no lugar errado, estudando algo que não fazia sentido para mim. Foi então que tomei a difícil decisão de abandonar o curso no primeiro semestre e resolvi tentar de novo.

Realizei novamente o ENEM em 2017, com mais experiência, dessa vez, obtendo uma nota melhor. E foi assim que entrei para o Curso de Pedagogia na UFMA, em 2018, aos 20 anos, e não consigo descrever a surpresa ao ver meu nome na lista de aprovados. Muitas vezes duvidei da minha capacidade, mas me vi capaz de ser aprovada em uma universidade federal apenas com meus esforços e poucos recursos da internet. Fui literalmente a primeira da minha família a ingressar na Educação Superior, sem recursos financeiros, apenas com o conhecimento que adquiri estudando em casa. Para mim e para aqueles que me amam, foi uma grande conquista.

No início, eu não tinha noção do que um pedagogo realmente fazia, nem da importância da profissão. Mas, ao longo do segundo semestre, tudo começou a fazer sentido. Descobri que a Pedagogia era muito mais ampla e complexa do que eu imaginava, e que seu impacto ia muito além da sala de aula. Aos poucos, percebi a beleza e o significado da área, e

foi então que finalmente me identifiquei e decidi ficar. Pela primeira vez, senti que estava no lugar certo. Durante minha vida escolar, nunca imaginei seguir uma carreira na área educacional, mas passei a admirar a grandiosidade da profissão docente, que transforma vidas. Silva e Moura, (2017, p. 5) afirmam que:

O pedagogo é um profissional a que se devam atribuir diversas habilidades, porém, para resumir sua importância é preciso que seja recordado que este é essencial na formação sócio cultural de cada indivíduo. Nesse sentido, a Pedagogia constitui-se no ramo da ciência direcionado à compreensão de uma prática social complexa que é a educação. A educação, por sua vez, está relacionada à questão do conhecimento e aos seus processos de sua produção e socialização no decorrer da história humana.

Compreender o papel principal do pedagogo, o qual se constitui na mediação do conhecimento e no desenvolvimento humano, foi a razão que despertou o meu interesse por essa profissão tão desafiadora. Em minha própria jornada acadêmica, percebi como o aprendizado, que acontece não somente por meio do contato direto com o professor, mas também quando se utilizam recursos inovadores, permitem abrir caminhos para interações mais significativas e para o acesso a conhecimentos antes inalcançáveis. Essas ferramentas que revolucionam a educação serão discutidas a seguir, mostrando como transformam vidas e abrem novas oportunidades, quando usadas de maneira propositiva e potencial.

3 TECNOLOGIA E APRENDIZADO NA MINHA JORNADA ACADÊMICA

A presente narrativa, desenvolvida neste capítulo a seguir, aborda os principais desafios e aprendizados vivenciados ao longo da minha graduação, destacando de que maneira essas experiências acadêmicas, pessoais e profissionais puderam contribuir para o desenvolvimento de competências fundamentais para mim, como a resiliência e a autonomia.

Ao refletir sobre essa trajetória, o objetivo é evidenciar como a formação deixou de ser apenas a aquisição de conteúdos e, passou então a ser um processo de autoconhecimento e transformação. Refletindo sobre o poder das narrativas na formação docente. Sobre isto, Moraes (2023) defende que o uso de narrativas, enquanto recurso pedagógico, se apresenta como uma forma viável e valiosa de resgatar as histórias de vida daqueles que se tornam professores.

Essa abordagem singular contribui para aprimorar a auto-memória dos indivíduos, como também os leva a refletir profundamente sobre o verdadeiro significado da identidade ao longo de seu próprio processo formativo. Ao escrever este memorial, percebo o quanto

essa afirmação se confirma na minha trajetória: muitas das coisas que hoje considero mais importantes, como paciência, perseverança e resiliência, foram aprendidas ao longo dos anos de graduação. Silva, Sirgado e Távira (2012) defendem que os memoriais docentes são importantes instrumentos de formação, reflexão e construção da identidade profissional, permitindo compreender como experiências pessoais e coletivas se entrelaçam na constituição do ser professor.

Percebo que essa conexão entre vivência e identidade, principalmente durante os primeiros anos da minha graduação, como os desafios da formação e da profissão de educadora provocaram dúvidas sobre a minha capacidade de seguir nesse caminho. No entanto, ao refletir sobre essas dificuldades, percebi que também foram fundamentais para a construção da minha identidade como docente.

Por meio dessas reflexões, os erros, os acertos e as inseguranças, passaram a ser compreendidos como lições essenciais para o meu crescimento profissional e pessoal. Demorei um pouco para compreender que o processo de aperfeiçoamento em algo leva tempo, exige perseverança, esforço e humildade para entender que nem sempre é fácil, e que às vezes é necessária uma dedicação maior quando se busca conquistar alguma coisa, principalmente se for grandiosa.

O mundo acadêmico era um universo completamente novo para mim, com conceitos e desafios que eu desconhecia, além disso, tive que aprender a organizar o meu tempo e encontrar forma de estudar, mesmo diante das dificuldades que surgiam. Equilibrar a vida acadêmica, profissional e pessoal, também foi especialmente difícil. Houve períodos em que o meu desgaste mental foi tão grande que precisei me afastar temporariamente do curso, mas durante esse período, senti falta da minha rotina acadêmica, e ao retornar percebi o quanto a graduação já fazia parte de quem eu era. Por esta razão, retornei ao curso com muito mais determinação, encarei os meus desafios com maturidade e tive o apoio dos colegas, o que foi essencial nesse processo.

Durante a minha jornada na universidade, tive a honra de conhecer muitos professores que deixaram marcas profundas em mim, alguns realmente se destacavam como modelos que eu gostaria de seguir por terem aulas dinâmicas e envolventes, enquanto outros, mesmo com abordagens mais teóricas, também tinham um jeito único de ensinar e mereciam toda a minha admiração.

Lembro com carinho da professora Herli de Sousa Carvalho, que me acompanhou em algumas disciplinas do curso, principalmente nas de Fundamentos e Metodologias do Ensino

de História e Educação e Diversidade Cultural, seu método de ensino consistia em nos fazer avaliar a nós mesmos, baseando-nos em nossos próprios esforços. Uma das atividades principais era escrever um resumo da aula à mão, para ser lido em voz alta para a turma. No início, achava bastante desafiador, pois em todas as aulas tínhamos que compartilhar com os colegas o que havíamos escrito.

Era um exercício difícil para mim, principalmente por exigir que eu me abrisse, expondo o que sentia e pensava. Sempre tive receio de opiniões contrárias e críticas, e por isso, expor minhas ideias me intimidava. Ainda assim, eu achava interessante como cada pessoa tinha uma visão diferente da mesma aula, como eram tocadas de formas distintas pelos mesmos conteúdos. Era bom aprender com cada pessoa, e essa experiência se tornou uma das lembranças mais afetivas que guardo do curso de Pedagogia.

Santos (2020) defende que a escrita narrativa para professores é uma ferramenta crucial para que se tornem dessa forma, mais seguros, independentes e criadores de seu próprio conhecimento e práticas pedagógicas. Nesse sentido, essa atividade era muito proveitosa, pois de fato, sempre gostei de escrever, embora nunca tivesse o hábito de compartilhar com os outros meus pensamentos e sentimentos, então para mim, foi um ótimo exercício. Com o tempo, esse processo constante de reflexão escrita me ajudou a desenvolver um certo gosto pela escrita mais crítica e consciente.

Conforme o avanço ao longo dos anos das tecnologias, passei a escrever no bloco de notas do computador e posteriormente, no celular, embora fosse totalmente diferente, pois eram sentimentos que ninguém mais lia. Sempre tive o hábito de escrever o que penso como forma de alívio, uma maneira de tornar concreto pensamentos massantes e aliviar a mente, sendo esse um hábito que adquiri ainda na infância, quando escrevia em meus diários, tecnologia bastante utilizada por mim naquela época. Nesse sentido, Benetti e Oliveira (2016) discutem como a escrita expressiva como forma de intervenção terapêutica pode ser eficaz e oferecer benefícios psicológicos, funcionando como uma ferramenta poderosa para o processo de emoções e o desenvolvimento do autoconhecimento.

Paralelamente a isso, à medida que fui exercitando essa prática em sala, percebi como pode ser gratificante compartilhar nossas ideias e nossos aprendizados. Além disso, também aprendia muito com a escrita dos colegas, isso reforça o poder da escrita narrativa. Dessa forma, quando surgiu a oportunidade de escrever o memorial de formação, inicialmente fiquei apreensiva por ter que me expor, então considerei de fato fazer uma monografia tradicional, mas me senti desconfortável, pois o sentimento de escrever sobre o que eu pensava e sentia

estava bem consistente dentro de mim. Aprendi durante essas aulas que todos nós temos algo a dizer que possa contribuir para a sociedade de alguma forma.

Decidi, então, seguir com o memorial, e fui me sentindo cada vez mais à vontade nesse papel de refletir e escrever. Ainda assim, houve momentos em que a escrita foi dolorosa. Relembrar certas passagens da infância, muitas vezes mal resolvidas, despertou em mim feridas antigas. No entanto, escrever sob outra perspectiva também se revelou um processo de cura. Me ajudou a amenizar certas dores internas, a compreender diferentes realidades e até a repensar ideias antigas.

Esse processo de resgate e reflexão sobre minha trajetória revela o que Moura, Franco e Carvalho (2022, p. 3) destacam ao citarem Josso (2007) que a narrativa de formação permite que o sujeito se reconheça em sua singularidade, ao “expressar nas experiências relatadas a forma como aprendeu, sua maneira de operar escolhas, de se situar em suas pertencas e de definir seus interesses, valores, aspirações”. A escrita do memorial, portanto, se torna além de um exercício acadêmico, passa a ser uma forma de me (re)conhecer como autora da minha própria história.

Por meio dessa experiência, eu pude aprender que a educação é mais do que apenas repassar conteúdos, consiste também sobre inspirar, despertar a curiosidade e tocar a vida das pessoas de alguma forma. Portanto, ao olhar para o passado enquanto escrevo esses relatos, compreendo o quanto essa trajetória foi valiosa, muito mais do que adquirir conhecimentos teóricos ou práticos, a graduação me ajudou a evoluir como pessoa e essa é a mais marcante tecnologia do Curso de Pedagogia.

3.2 A presença das tecnologias na minha jornada acadêmica

Durante os anos na universidade, a tecnologia foi uma grande forma de me auxiliar a conciliar estudos e trabalho. Uma das primeiras ferramentas que me ajudou foi o recurso de digitação por voz no *Google Docs*. Como muitas vezes eu não tinha tempo de parar para digitar, eu abria um documento em branco, ativava o microfone e ditava meus resumos ou anotações. Depois, só precisava revisar e ajustar a formatação, foi um jeito simples de escrever de forma rápida.

Outra ajuda essencial foi o leitor de texto em voz alta. Quando tinha que ler textos acadêmicos longos ou complexos, eu utilizava um leitor de PDF e ativava a função de voz para ouvi-los enquanto fazia outras coisas, como almoçar ou me deslocava no transporte

público. Assim, conseguia aprender qualquer conteúdo enquanto precisava realizar outras atividades.

No começo do curso, como muitos materiais eram cobrados em versão impressa, eu usava um aplicativo de escaneamento para digitalizar páginas de livros e apostilas. Depois, transformava em PDF para imprimir só o necessário, o que me ajudava a economizar. E, claro, quando algum assunto era muito difícil, eu recorria ao *YouTube*, assistia aos vídeos explicativos enquanto fazia outras tarefas, e isso me ajudava a entender conceitos de um jeito mais simples. Neves (2020, p. 187) afirma que:

Não é de agora que as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) vêm desempenhando um papel marcante no contexto das unidades de informação. A área de Educação vem sendo continuamente influenciada em decorrência do crescente desenvolvimento e aplicação das tecnologias digitais em inúmeros processos educacionais e as unidades de informação tendem a acompanhar este movimento.

Neves (2020) destaca o lugar essencial das tecnologias digitais na educação. Não só ampliam o acesso ao conhecimento, mas também tornam a aprendizagem mais dinâmica e participativa, conectando pessoas e ideias de maneiras que antes pareciam impossíveis.

Por vezes, não consegui participar de alguns eventos presenciais da faculdade, e isso além de atrapalhar a conclusão das horas complementares necessárias, me faz perder a oportunidade de expandir meus conhecimentos em temas variados. Foi então que descobri os cursos gratuitos em plataformas digitais e por meio deles, conseguia estudar sobre qualquer tema, de forma gratuita e remota, sempre no meu próprio ritmo.

Lévy (1993) comenta que o papel do educador está mudando, de detentor do conhecimento para mediador, usando a tecnologia para despertar a curiosidade dos alunos. Por isso, é fundamental que tanto professores quanto estudantes estejam abertos a novas ferramentas e formas de ensinar. Mas, olhando para trás, percebo que, por mais útil que a tecnologia seja, não substitui certas experiências, no sentido de que a educação se constrói principalmente em trocas humanas. As ferramentas digitais facilitam o acesso ao conhecimento, mas não reproduzem a riqueza de um debate e troca de ideias em sala de aula com colegas e professores.

Durante a pandemia, tive um maior contato com as tecnologias educacionais, especialmente quando passei a utilizar o *Google Meet* pela primeira vez, para ter aulas de forma remota em uma época em que evitar o contato com outras pessoas era recomendado. Muitos professores também se adaptaram, e para ajudar na difícil tarefa de ensinar a distância,

utilizavam plataformas como o *Google Classroom*. Sobre este período recente, Santos (2023, p. 76) afirma que:

A pandemia de COVID-19 acelerou a adoção de tecnologias digitais na educação, com um aumento significativo no ensino remoto e híbrido. Isso enfatizou ainda mais a necessidade de competências digitais tanto para alunos quanto para professores, além de expor desigualdades no acesso a recursos tecnológicos e conectividade.

Nesse sentido, existem muitas discussões sobre o impacto que a pandemia provocou, principalmente, no que diz respeito a uma educação mais digital, quando se fala de desigualdade de acesso e a eficácia do ensino remoto.

Ainda nessa época de pandemia, lembro-me com carinho da professora Francisca Melo Agapito, que durante a graduação em Pedagogia, onde o ensino ocorria de forma remota, ministrou a disciplina de Educação Especial. Para mim, ela foi um exemplo de flexibilidade e versatilidade, pois soube contornar o impacto negativo da pandemia no ensino com muita criatividade e sensibilidade. Mesmo com recursos limitados, conseguiu diversificar todas as suas aulas com leveza, pois utilizava diferentes ferramentas digitais, e assim tornava o aprendizado muito mais dinâmico.

Uma das ferramentas mais utilizadas durante as aulas era o *Padlet*, por meio dele, era possível criar murais interativos e toda a turma participava, até mesmo aqueles que costumavam ficar em silêncio durante as aulas. Eu adorava ver como a professora conseguia deixar o ensino remoto mais humano e diversificado, quebrando o padrão robótico que dominava muitas aulas.

Com o *Kahoot*, também utilizado pela professora, era possível criar jogos baseados no conteúdo das aulas, o que permitia uma competição saudável entre os discentes. Por meio dos *quizzes* com questões de múltipla escolha ou de adivinhação, era muito mais fácil absorver qualquer assunto. Nessa mesma época, a professora nos apresentou o *Sway*, que até então eu desconhecia, e por meio dele era possível montar apresentações interativas com textos, imagens, vídeos ou links. Considero essa época, embora difícil e desafiadora, também marcada por grandes descobertas.

Essas são algumas das memórias afetivas mais importantes que guardo com carinho da graduação, pois mostram como menos pode ser mais, e como utilizar diversas ferramentas digitais ao nosso favor é fundamental para transformar qualquer ambiente. Nesse sentido, a tecnologia cumpriu seu papel, pois permitiu que aprendêssemos juntos, mesmo a distância.

Barros (2019) ressalta que a tecnologia torna os alunos mais incluídos e engajados, o que é crucial para o aprendizado. Mas as mudanças mais significativas não vêm só das ferramentas em si, e sim de como podem reinventar a experiência educacional. É preciso

repensar as práticas pedagógicas, priorizando colaboração, personalização e autonomia do aluno em todas as dimensões.

A pandemia com todas as suas implicações, também foi uma transformação social marcante no que se refere às tecnologias. Rondini, Pedro e Duarte (2020) afirmam que ensino remoto forçou uma adaptação e as transformações no sistema educacional precisaram ocorrer de forma acelerada, levando os professores a transferirem, quase que imediatamente, os conteúdos do ensino presencial para ambientes virtuais, utilizando tecnologias digitais, muitas vezes sem formação adequada ou com preparo limitado, em um contexto emergencial. Teoricamente falando, também foi uma época que mostrou seu potencial para um ensino mais inclusivo. Embora estudos e pesquisas mostrem que a época de isolamento social causado pela Covid 19, trouxe também a exclusão tecnológica dos grupos em desvantagem socioeconômica.

Sobre isso, França e Furlin (2023, p. 6), argumentam que “os estudantes de camadas mais pobres, por não terem sido alfabetizados tecnologicamente e nem disporem de condições materiais para o acesso às TDIC, acabam ficando à margem do que seria um ensino igualitário”. A lição que permanece é que a tecnologia não é só um meio de acesso à informação, mas uma ferramenta de inovação no aprendizado cheia de possibilidades, mas também de desafios. Um desses desafios, é que por vezes pode ser exclusiva, quando não engloba todas as classes.

3.3 Minha Experiência com os *Chatbots* de IA

O presente tópico traz as mais significativas considerações acerca do uso da inteligência artificial na prática educativa de uma estudante universitária do curso de Pedagogia. Esses relatos podem ser considerados relevantes em muitos níveis, principalmente por demonstrarem na prática, exemplos reais de como a IA pode ser realmente útil na construção de uma aprendizagem mais personalizada. Esse tipo de recurso digital tornou-se parte do meu cotidiano formativo, oferecendo apoio nos estudos, facilitando a organização das ideias e ampliando o acesso ao conhecimento de maneira dinâmica e interativa. Antes de tudo, é necessário entendermos de fato o que é a Inteligência Artificial na íntegra.

Segundo Russell e Norvig (2010), a Inteligência Artificial é um ramo da ciência da computação que se dedica ao desenvolvimento de sistemas capazes de simular o comportamento humano, com foco em processos como tomada de decisão, reconhecimento de

padrões e execução de tarefas complexas. Desde a década de 1950, a IA tem se desenvolvido rapidamente e, hoje, faz parte da vida diária dos seus usuários, aparecendo em assistentes de voz, mecanismos de pesquisa, veículos autônomos e redes sociais.

Russel e Norving (2020) abordam como a Inteligência Artificial pode ser essencial para resolver problemas complexos, abrangendo algoritmos de busca, redes neurais e aprendizado profundo. Por meio dessas tecnologias, a IA pode avançar consideravelmente, desde a automação de tarefas até a tomada de decisões complexas e em tempo real.

Os *chatbots*, do inglês (*chatterbot*) e em português (robô de conversa). O *chatbot* é um programa de computador projetado para simular uma conversa com usuários humanos, especialmente na internet. Ele utiliza técnicas de processamento de linguagem natural (NLP) e Inteligência Artificial (IA) para entender e responder a perguntas, realizar tarefas e fornecer informações. Os *chatbots* podem ser implementados em plataformas, como sites, aplicativos de mensagens e redes sociais, e são utilizados em áreas como atendimento ao cliente, suporte técnico, vendas e entretenimento. McTear, Callejas e Griol (2016)

Segundo Rouse (2021), os *chatbots* se tornaram ferramentas essenciais na era digital e podem ser classificados em três categorias diferentes: aqueles baseados em regras, que funcionam por meio de comandos fixos e fluxos pré-determinados, sendo especialmente úteis para tarefas simples, como *FAQs*; aqueles que utilizam Inteligência Artificial, que por sua vez, empregam processamento de Linguagem Natural (PLN) e aprendizado de máquina para gerar respostas contextualizadas e adaptáveis; e, por fim, os híbridos, que fazem a combinação de abordagens pré-definidas com capacidades avançadas de IA, equilibrando assim, estrutura e flexibilidade.

Essa categorização, a qual reflete a evolução desses sistemas, demonstra claramente como passaram de soluções rígidas e limitadas para modelos dinâmicos e inteligentes, capazes não apenas de compreender nuances semânticas, mas também de interpretar emoções humanas. Consequentemente, sua aplicação expandiu-se para diversas áreas, tais como saúde, educação e marketing Klopfenstein *et al.* (2017).

O Chat GPT da empresa (OpenAI) que atualmente se consagrou como o mais popular, baseando-se na arquitetura GPT para gerar respostas sofisticadas e versáteis, uma vez que foi treinado com bilhões de parâmetros Brown *et al.* (2020).

No contexto acadêmico, estudos como o de Kasneci *et al.* (2023) destacam a utilização do *chatbot* como auxiliar na produção textual, síntese de artigos, correção gramatical e ensino

personalizado, ainda que enfatizem a indispensabilidade de um uso crítico e ético, o qual inclui a verificação cuidadosa de fontes e a garantia de originalidade.

Rodrigues e Rodrigues (2023) defendem que embora o uso da Inteligência Artificial possa apresentar desafios consideráveis a se analisar, a IA quando utilizada de forma consciente e responsável, pode servir como uma ferramenta capaz de alavancar os processos de ensino e aprendizagem. Ressaltam ainda, que as universidades nesse sentido, pode fazer a adoção dessa tecnologia, embora também devam desenvolver um papel importante na mediação pedagógica, no que se refere a promoção de discussões críticas e na construção de práticas éticas e responsáveis sobre o uso dessas tecnologias, contribuindo para a formação de sujeitos conscientes dos impactos sócio-tecnológicos.

Kasneci *et al.* (2023) ressaltam ainda sua eficácia como assistente educacional, o qual auxilia na compreensão de conceitos complexos, na elaboração de resumos e na produção de textos argumentativos, viabilizando, dessa forma, uma aprendizagem personalizada. No entanto, os mesmos autores alertam para riscos éticos e pedagógicos, dentre os quais destacam-se a possibilidade de plágio, a dependência tecnológica e a urgência de desenvolver competências críticas para um uso adequado.

Pereira (2023) afirma que um exemplo do funcionamento dos *chatbots* é a diferença entre a IA e o *Google* no processo educacional. Quando um usuário faz uma pergunta ao *Google*, apresenta vários resultados de pesquisa relevantes, como artigos, vídeos, imagens e muito mais. No entanto, cabe ao usuário navegar nesses resultados e selecionar o mais adequado para suas necessidades. Por outro lado, a IA pode fazer um resumo e apresentar diretamente a resposta que o usuário precisa.

Essa constatação teórica, se relaciona diretamente com a minha prática como estudante. Ao longo da minha trajetória acadêmica, fui descobrindo diferentes formas de melhorar o meu aprendizado autônomo. E o uso de *chatbots* de Inteligência Artificial se tornou também uma grande descoberta, e mesmo que seja um programa recente, permitiu grandes contribuições na área educacional para a minha formação, especialmente na reta final da graduação.

O primeiro *chatbot* a qual tive conhecimento foi o chat GPT, ganhou fama por volta de 2022 com suas inúmeras funcionalidades, sendo a primeira ferramenta de IA que passei a utilizar. Uma das suas primeiras aplicações no contexto educacional, foi quando experimentei pedir que criasse um questionário de perguntas para ser utilizado em uma entrevista com a gestora da escola onde realizei o estágio obrigatório em gestão.

Esse experimento ocorreu apenas por curiosidade, pois queria entender até onde a ferramenta era capaz de ir. Eu tinha um roteiro em mente do que gostaria de saber na entrevista, porém não sabia como organizar as perguntas, então pedi uma sugestão, a qual forneceu uma série de questionamentos dentro da mesma temática. Fiquei impressionada com a sua capacidade em dar inúmeras propostas de um único tema. A partir de então, passei a utilizá-lo para coisas mais simples e outras mais complexas, como indicação de obras acadêmicas sobre determinado tema, até explicar conteúdos complexos em uma linguagem mais simples.

Muitas vezes, diante de leituras com linguagens muito técnicas, eu sentia certa dificuldade em identificar os pontos mais importantes ou de compreender o que realmente o texto estava abordando. Sendo assim, eu fornecia comando ao *chat GPT*, para que me ajudasse a fazer uma síntese ou resumos das informações e destacasse os seus trechos mais importantes. A partir disso, era possível elaborar fichamentos, fazer mapas mentais e ter um material muito mais compreensível.

Ao longo dos anos foram surgindo outros modelos de *chatbots* com propostas semelhantes à do chat GPT, como o *Copilot* da *Microsoft*, ou o *Gemini*, do próprio *Google*. E mais recentemente, o *Deepseek*. Todos possuem a mesma premissa, permitem interações por meio de respostas rápidas e praticamente as mesmas funcionalidades, com algumas pequenas diferenças. Confesso que experimentei cada um deles, embora mais comumente tenha utilizado o chat GPT. Atualmente, já existem *chatbots* com fins próprios educacionais, como o *Aithor*, por exemplo.

Todas essas ferramentas oferecem um bom retorno na sua forma gratuita. Em minha experiência, por exemplo, cada *chatbot* tinha uma funcionalidade diferente. O GPT por exemplo, de acordo com Lobo (2023 p. 43) “pode oferecer uma gama de benefícios, que vão desde a assistência na geração de conteúdo até a melhoria na revisão e na organização de trabalhos acadêmicos”. Essa afirmação, reforça o potencial das tecnologias, principalmente sobre os chatbots de IA como ferramentas de apoio no contexto educacional. Visto que suas funções podem abranger desde a produção até a revisão e organização de trabalhos, é possível observar como estes recursos podem ser excelentes como facilitadores do processo formativo, uma vez que promovem autonomia, eficiência e maior qualidade na realização de atividades acadêmicas.

Nesse sentido, o chat GPT serviu para criar cronogramas com fins organizacionais para as demandas que surgiam, me ajudava a montar estruturas de planejamentos que pudessem organizar leituras, escritas de trabalhos, preparação de apresentações e revisões. Assim como as outras ferramentas de IA, serviram para outras áreas específicas, algumas por exemplo, eram melhores na geração de referências, como no caso do *Gemini* do *Google*. Outras, tinham grandes potenciais na geração de imagens, como o *Copilot*, as quais utilizei para criar imagens personalizadas e imprimir durante a regência nos estágios, com o objetivo de que as crianças pudessem colorir. Outras, podem ser muito úteis na recomendação de conteúdo e fontes acadêmicas, como o *Blackbox AI*.

Para Picão *et al.* (2023) a personalização do ensino por meio da IA, pode tornar a educação muito mais inclusiva e acessível, porém é importante garantir que essa personalização não introduza discriminações algorítmicas, garantindo dessa forma, que todos os alunos possam ter as mesmas oportunidades de aprendizado.

Durante a minha experiência utilizando ferramentas desse nível, concluí que não há problema em buscar formas de agilizar atividades, desde que esse tipo de ferramenta seja mais como um auxílio. Contar com um assistente que facilita o trabalho onde for possível, nos permite ganhar tempo e explorar melhor o nosso tempo.

Ota *et al.* (2019, p. 61), defendem que “embora o uso de *chatbots* não tenha suas raízes no campo educacional, é perceptível que existe um esforço considerável entre as instituições de ensino em explorar e implementar novas alternativas de atendimento em seus sistemas educacionais.” Dessa forma, percebo que, mesmo sendo uma tecnologia recente, os *chatbots* de Inteligência Artificial, os quais revolucionaram o acesso ao conhecimento, já se consolidaram como um recurso extremamente relevante no contexto educacional.

Uma das maneiras mais eficazes que encontrei para estudar e fixar qualquer conteúdo complexo, foi utilizar esses assistentes digitais para criar questões a partir de temas específicos. Sendo este, o método de aprendizagem que mais tenho aproveitamento, quando envolve a resolução de problemas e exercícios. Por meio da IA, era possível ajustar os conteúdos às minhas necessidades.

Com a facilidade e agilidade que os *chatbots* oferecem, era possível reformular as questões e adaptá-las ao meu nível de entendimento. Essa mesma experiência descrita até o presente momento utilizando a Inteligência Artificial como apoio no meu cotidiano acadêmico, também mostrou resultados satisfatórios durante o período de estágio em docência, conforme será explorado a seguir.

3.4 A Inteligência Artificial como Ferramenta de Apoio no Estágio em Docência

O Estágio Supervisionado pode ser definido como uma etapa essencial na formação de todo docente, pois lhes permite articular os conhecimentos teóricos adquiridos durante a graduação, com as práticas vivenciadas nas escolas. Tornando-se um espaço formativo que contribui diretamente para a construção da identidade do profissional, promovendo reflexões e permitindo que o futuro professor compreenda, questione e ressignifique sua prática. Oferecendo oportunidades para o desenvolvimento de um olhar sensível e permitindo que os licenciandos entendam os desafios educacionais. Silva e Gaspar (2018)

Neste sentido, compreendendo todas as complexidades e grandezas que envolvem os estágios em que atuei, busquei formas de utilizar ferramentas a meu favor que me ajudassem nessa árdua tarefa que era estudar, estagiar e trabalhar simultaneamente. Durante o estágio em gestão, eu ainda não estava tão familiarizada com os *chatbots*, e o utilizei apenas para criar um questionário de entrevista.

Porém, durante o Estágio Supervisionado na Educação Infantil, utilizei a IA como auxílio em diversas atividades. Durante a regência, atuei com turmas de primeiro e segundo períodos, compostas por crianças de quatro e cinco anos, essa experiência ao longo dos dias de regência se revelou bastante desafiadora, não apenas pela dispersão dos alunos, mas também por uma rotina pedagógica repetitiva. As aulas raramente inovavam em metodologias e portanto, as crianças ficavam pouco interessadas. Era evidente que os alunos já estavam habituados àquela estrutura estabelecida.

Esse contexto se tornou o impulso necessário para que eu e meus colegas, na posição de estagiários, buscássemos alternativas que pudessem transformar aquele ambiente. A nossa chegada permitiu a quebra da rotina estruturada que conheciam e abriu espaço para atividades mais lúdicas e envolventes.

Araújo e Barbosa (2024) argumentam que a integração da Inteligência Artificial na formação docente exige uma abordagem reflexiva e crítica, citando, entre outros, Narciso *et al.* (2024) e Araújo (2023) para reforçar a importância da formação continuada e da análise ética sobre o uso dessas tecnologias.

Nesse sentido, na sala de aula durante o estágio, nos deparamos com a situação ideal para diversificar os nossos conhecimentos teóricos, adaptando-os para as práticas que pouco conhecíamos, buscando estratégias que pudessem despertar um maior interesse dos alunos.

Dentre as ferramentas que me auxiliaram, o chat GPT e o Copilot ficaram em destaque, pois se tornaram apoios constantes em muitos momentos. Em diversas situações, eu utilizei o GPT para auxiliar no planejamento de aulas, criar sequências didáticas e adaptar atividades mediante as dificuldades que lidei com as turmas que encontrei, como falta de concentração e desinteresse. Assim, pude atender melhor a necessidade dos alunos complementando por meio da IA, a base teórica que eu já possuía.

Utilizando o *Copilot*, eu fazia a criação de imagens para colorir. Dando os comandos específicos, a ferramenta cria imagens com descrições idênticas ou aproximadas que o usuário pede, dessa forma, era possível criar imagens específicas dos mais variados temas para imprimir e as crianças colorirem em sala. Utilizando esses sistemas como assistentes, recebi sugestões de jogos e dinâmicas, além de ajudarem como ferramenta de improviso em diversas situações em um contexto tão desafiador. Todas essas atribuições deram mais sentido à minha prática.

A IA foi crucial durante meu estágio, principalmente para esclarecer dúvidas rápidas sobre diversos temas, dessa forma, possibilitou fortalecer a minha base pedagógica, além de alinhar minhas propostas o máximo possível à Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Por meio dos planos de aula da escola, eu os reformulava com auxílio da IA, por vezes eu já tinha uma proposta em mente e recorria à ferramenta para entender como poderia executá-la da melhor forma, tendo em conta o contexto da turma. Para isso, eu fornecia informações específicas, como o número de crianças, os níveis de dificuldade e o seu grau de interação. Então com base nesses comandos, recebia diversas sugestões que eu adaptava conforme a necessidade.

Entendi ao longo do tempo, que era essencial dar comandos objetivos, pois a IA responde de forma literal. Como estagiária, minha função era justamente fazer a mediação desse processo, avaliar o que era viável e o que não se adequava à realidade da sala de aula. A IA oferece exatamente aquilo que lhe é solicitado, mas não considera aspectos fundamentais que só um educador com olhar sensível pode perceber. Esse tipo de ambiente exige do professor um olhar humano e empático, afinal, cada criança possui singularidades e formas próprias de aprender.

Em vista disso, jamais considereirei que a Inteligência Artificial pudesse substituir o meu trabalho ou pensar por mim. Ela fornece ideias, mas a responsabilidade de colocá-las em prática e lidar com os desdobramentos disso, é sempre do educador. Em muitos momentos, pedia sugestões para me aproximar o máximo possível dos objetivos pedagógicos que eu

buscava alcançar, principalmente quando tinha poucos ou nenhum recurso disponível, e embora a ferramenta apresentasse uma variedade de ideias, nem sempre essas propostas contemplavam as realidades e fragilidades do contexto da sala. Mesmo assim, toda contribuição que possa enriquecer o processo educacional deve ser bem-vinda, desde que seja devidamente analisada e filtrada pela experiência pedagógica do educador.

Araújo e Barbosa (2024) defendem que a formação de professores deve enfatizar o desenvolvimento de competências que lhes permitam analisar, de modo crítico, as tecnologias emergentes, integrando-as, de forma adequada, às práticas pedagógicas, e colaborar na construção de soluções inovadoras que transformem o cenário educacional. Para tanto, é essencial que compreendam como funcionam essas ferramentas, de que modo se articulam com os princípios pedagógicos e como impactam as relações no ambiente escolar, cada vez mais mediado por inovações.

Nesse sentido, no estágio em educação infantil usei a IA para ajudar a criar histórias e atividades. Um caso específico: a escola onde o estágio foi realizado, tinha uma rotina bem repetitiva com as crianças. Para deixar as atividades mais interessantes, eu pedia para o *ChatGPT* criar letras de música com o alfabeto, já que as crianças precisavam repetir diariamente as letras, o que as deixava visivelmente entediadas.

Partindo disso, tive a ideia de criar uma história com o alfabeto e uma música nova. Eu pedia a letra para o *chatbot* de IA e inventava um ritmo na hora. As crianças adoraram, porque era algo diferente que causava empolgação, dessa forma, era mais fácil abordar o conteúdo. Sobre a utilização da IA como ferramenta de auxílio em sala de aula, Silva *et al.* (2024, p. 11) afirmam que:

Outra aplicação importante da IA na educação é a personalização do conteúdo educacional com base nas preferências e habilidades individuais dos alunos. Por meio da análise preditiva e recomendação inteligente, os sistemas de IA podem sugerir materiais didáticos adequados ao nível de conhecimento de cada aluno, tornando o processo de aprendizagem mais relevante e envolvente.

Ao adaptar o conteúdo às necessidades e ao nível de conhecimento de cada aluno, a IA pode contribuir para tornar o processo educativo muito mais focado no aluno. Levei essa mesma proposta para o estágio nos anos iniciais do ensino fundamental, onde trabalhei com uma turma do 3º ano. Ao longo dessa experiência, observei que as crianças estavam inseridas em um modelo de ensino extremamente padrão, centrado principalmente no uso do quadro e do livro didático, sem a variedade necessária de recursos estimulantes. Essa realidade foi

realmente impactante, visto que vivemos em uma era tão marcada por avanços tecnológicos e tendo à nossa disposição, uma variedade de tecnologias disponíveis de forma gratuita.

Figura 4: Imagem da regência do estágio em anos iniciais



Fonte: Acervo pessoal.

O processo de aprender, de modo geral, se limitava à exposição no quadro, à leitura do livro e à cópia no caderno. Como estagiária, juntamente com mais duas colegas de curso, tivemos algumas dificuldades em abordar novos métodos, uma vez que os alunos já haviam se acostumado com essa rotina tradicional. Eram frequentes as perguntas se usaríamos o quadro ou se era para copiar o que estava nele, é como se não conhecessem outra forma de aula.

Diante disso, buscamos, sempre que possível, além de aproveitar os conhecimentos existentes das crianças, introduzir também elementos novos, como por meio de atividades mais concretas, ou reformulando exercícios do livro para torná-los mais estimulantes.

Inovar era um desafio, especialmente porque quase não podíamos sair da sala com os alunos. Dessa forma, tentávamos explorar os poucos recursos disponíveis, respeitando ao máximo os limites da escola. Em várias ocasiões, ouvimos da professora titular que, para que houvesse uma aula com mais recursos, seria necessário investimento próprio. Ou seja, de certa forma, poderia justificar o ensino tradicional a qual encontramos ao chegar na escola. E como estagiários, não tínhamos condições de arcar com materiais revolucionário para onze aulas seguidas, o que nos levou a buscar alternativas mais acessíveis.

Percebi que se eu só seguisse o livro, como a escola fazia, as atividades ficavam repetitivas e as crianças perdiam o interesse. Então, comecei a pedir para que o *chatbot* fizesse perguntas adaptadas ao nível da turma, que pudessem estimular o pensamento crítico. Por

exemplo, lembro-me especialmente de uma aula sobre produção de texto, quando tentei explicar um conteúdo que abordava o conceito de parágrafo usando os exercícios práticos do livro, os alunos não estavam compreendendo, mesmo diante do exemplo exposto no livro didático e da atividade do quadro, e eu precisava de uma alternativa rápida.

Figura 5: Imagem da regência do estágio em anos iniciais



Fonte: Acervo pessoal.

Eu poderia ficar horas insistindo na mesma abordagem, deixando a aula mais cansativa para eles e para mim, ou simplesmente mudar o caminho. Foi então que recorri à IA, que me sugeriu uma rima simples e envolvente sobre o que se constitui os parágrafos. Ao apresentá-la à turma, a maioria dos alunos que estavam dispersos, começou a prestar mais atenção e por consequência, passaram a compreender de fato o assunto explanado.

Figura 6: Captura de tela da rima elaborada pelo chatGPT sobre parágrafos

Parágrafo é um bloquinho,
De ideias bem juntinho.
Começa com letra maiúscula, bem legal,
E dá uma pausa no final!

Cada parágrafo conta um pedaço,
Da história ou do que eu faço.
Se mudo de assunto ou pensamento,
Faço outro, num novo momento!

Com parágrafos, o texto fica arrumado,
E quem lê entende tudo, bem explicado!

Fonte: Acervo pessoal.

Dei-me conta que mesmo com a melhor preparação de aula do mundo, irão surgir desafios consideráveis que podem impedir o educador de avançar. Dessa forma, pode persistir na mesma didática ou mudar a forma como irá alcançar o objetivo esperado. Nesse sentido, Freire (1996) diz que tanto o educador quanto o educando devem possuir autonomia no processo de aprendizagem. O educador precisa ser flexível e capaz de se ajustar a diferentes situações, pois a prática pedagógica não deve ser vista como uma fórmula rígida, mas sim como um processo dinâmico que exige constante reflexão e adaptação.

Outra situação marcante, foi durante as contações de história. Os livros disponíveis na escola eram sempre os mesmos, e as crianças logo perdiam o interesse, ou por já conhecerem a história, ou por serem na maioria das vezes, histórias genéricas que não os envolvia o suficiente. Era desgastante sempre ler, aumentar o tom de voz para que pudessem ouvir, sem que isso conseguisse interessá-los, por mais dramática e envolvente que fosse a leitura.

Mesmo quando os estagiários levavam livros diferentes, continuavam não se interessando. Comecei então a usar a IA para criar narrativas personalizadas, incorporando os nomes de todos os alunos como personagens. A diferença era surpreendente, suas atenções eram capturadas com uma facilidade impressionante, porque seus nomes estavam inseridos em uma história.

Silva *et al.* (2024) também defendem que a personalização do ensino com a ajuda da IA, pode representar uma abordagem mais inovadora e eficaz para atender as necessidades singulares dos alunos; promover um aprendizado mais adaptativo e significativo. Além disso, a utilização de sistemas inteligentes na educação, permite uma variedade de criações e experiências mais diversificadas, que irão se ajudar ao ritmo e preferência de cada estudante.

Ao final do estágio, levei comigo uma importante lição, que a educação eficaz muitas vezes acontece nos momentos de improviso, quando estamos dispostos a sair do planejado e encontrar novas formas de alcançar nossos objetivos com os alunos. E nesse processo, descobri que a tecnologia, quando usada com propósito pedagógico, pode ser uma valiosa parceira na missão de aprender.

No fim, essa ferramenta pode sim ser muito útil dentro do contexto educacional, se utilizada como suporte ou como sugestão de ideias. Além do uso desse tipo de tecnologia em sala de aula, tive outras experiências marcantes ao longo da minha formação, como o contato com os *chatbots* de Inteligência Artificial em contextos acadêmicos diversos.

3.5 Outras Aplicações dos *Chatbots* no Contexto Acadêmico

Durante a minha formação utilizando os *chatbots* de IA, percebi que eram úteis de formas variadas. Destaco especialmente sua aplicação na preparação de seminários, como por exemplo, quando me sentia insegura sobre a minha fala, eu recorria a essa ferramenta, fornecia-lhe o tema e pedia que criasse a partir dele, possíveis questionamentos que poderiam ser feitos em sala após a minha apresentação. Isso, por sua vez, melhorava o meu domínio do conteúdo e reforçava a minha confiança.

Os autores Machado *et al.* (2024) defendem que a IAG (Inteligência Artificial generativa) tem se mostrado uma ferramenta de nível inovador no que se refere o apoio à pesquisa. Os autores discutem que a participação humana, juntamente com os recursos oferecidos por meio da IA generativa, podem melhorar o levantamento de ideias, promover a identificação de tendências, sistematizar o conhecimento, favorecer a performance, a agilidade e literacia acadêmica, se utilizada com critérios éticos.

Luckin (2016) aborda que a IA pode atuar como tutora, criando cenários de aprendizagem interativos que ajudam o aluno a antecipar perguntas e aprimorar a compreensão de conteúdos. Nesse sentido, com o passar dos anos, conforme passei a estudar para concursos voltados para a área da Pedagogia, por exemplo, ao me deparar com provas anteriores, percebi que alguns conteúdos estavam distantes para mim, então retomá-los exigiria um certo esforço. Buscar textos, obras, livros e aprofundar-me sobre os temas, exigia muita dedicação e por vezes eu não sabia por onde começar.

Passei a solicitar para que o chat GPT fizesse um apanhado de algumas disciplinas específicas com bases nos assuntos dos concursos anteriores e me desse um contexto geral, o qual eu conseguia relembrar alguns temas, gerar questões e elaborar resumos dos conceitos principais. Partindo disso, foi possível obter uma compreensão dos padrões das bancas examinadoras e, assim, focar mais precisamente nesses conteúdos, encontrando os tópicos mais importantes e suas respectivas interpretações.

Nesse caso, entra em cena outro *chatbot* com uma capacidade muito boa de fornecer autores e fontes relevantes: a *Blackbox AI*, cuja funcionalidade permite obter os autores mais relevantes dentro de cada temática, os principais artigos, referências bibliográficas e até o link desses materiais.

Essa experiência com o uso da tecnologia reforçou minha percepção sobre a autonomia do estudante. Tal como defende Lévy (1999), que as tecnologias além de facilitarem o acesso à informação, também promovem a inteligência coletiva, transformando a maneira como produzimos e compartilhamos conhecimento no ciberespaço. No meu caso, a agilidade em acessar, filtrar e organizar conteúdos foi essencial para adaptar os estudos às minhas necessidades, por meio de metodologias e linguagens mais simplificadas.

Nesse contexto, a reflexão de Massola (2020) vem ao encontro dessa experiência, ao destacar que as ferramentas digitais, quando aliadas à autonomia do estudante, se tornam fundamentais para uma educação mais inclusiva e adaptável. Segundo a autora, a tecnologia deve ser um meio de transformação pedagógica, não apenas por facilitar o acesso à informação, mas também por garantir que seja personalizada e equitativa.

Isso fica evidente quando aborda a Tecnologia Assistiva, que assegura a participação ativa de pessoas com deficiência no processo educacional. Da mesma forma que o *chatbot* me auxiliou a selecionar e compreender conteúdos personalizados, eficientes e adaptados ao que eu precisava, exemplificando como a inovação tecnológica pode reconfigurar a educação, preparando os alunos para uma sociedade cada vez mais conectada e diversa.

Ainda nesse sentido, reconheço a importância da narrativa como ferramenta de construção de sentido e identidade. Moutinho e De Conti (2016) argumentam que a identidade não é uma entidade fixa, mas um processo dinâmico, que ocorre de forma contínua e ativa por meio das narrativas pessoais. Ou seja, quem somos está sempre sendo construído e reconstruído conforme contamos nossas histórias, refletimos sobre nossas vivências e interagimos uns com os outros.

Dessa forma, a minha narrativa sobre o uso de *chatbots* relata a minha experiência de aprendizagem e também evidencia os aspectos mais importantes da minha identidade como estudante: alguém que busca autonomia no seu processo formativo. Os relatos até o presente momento demonstram como tirei o melhor das funcionalidades dessas ferramentas para o meu aprendizado e crescimento. Por meio dessas narrativas, me permito externalizar e concretizar essa jornada formativa que foi tão significativa para mim, marcada por complexos desafios, ressignificações, imprevistos, obstáculos e superações.

4 IMPLICAÇÕES DO USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Neste capítulo, reflito sobre essas implicações, como questões de privacidade e coleta de dados, os impactos e os desafios trazidos pelo uso crescente da Inteligência Artificial na formação acadêmica, analisando a partir da minha experiência pessoal, assim como as questões de caráter éticos e pedagógicos que vêm surgindo desse então cenário.

Relembrar e narrar essa parte específica da minha vida, especialmente da minha jornada formativa é simples, mas ao mesmo tempo cheia de complexidades. De acordo com Rodrigues (2010), quanto mais a formação docente priorizar práticas de reflexão narrativa, maiores serão as chances de os professores não apenas identificarem, mas também superarem as dificuldades que surgem em sua prática. Esse processo, além de efetivamente contribuir para a resolução de problemas pedagógicos, igualmente impulsiona um autoconhecimento mais profundo, tornando-se, dessa forma, um recurso indispensável ao crescimento profissional.

Nesse sentido, é inegável e pertinente falar sobre esse tema que está tão em alta nos últimos anos, mas, ao mesmo tempo em que é válido, é também desafiador. Estamos em uma era de constantes revoluções tecnológicas, com uma diversidade de ferramentas inovadoras surgindo a cada dia. Porém, percebo também um certo receio sempre que o assunto “IA na educação” vem à tona. Silva (2023) discute sobre como alguns educadores podem apresentar resistência frente a adoção de novas tecnologias, como sendo este, um obstáculo considerável, que muitas vezes ocorre por causa do apego aos velhos métodos de ensino tradicionais.

O autor defende que para superar esse desafio, é necessário o desenvolvimento de competências técnicas, promover uma cultura organizada que possa estimular uma postura mais aberta às inovações, colocando a tecnologia como um recurso que potencialize e cause ameaças ao processo educativo. Por vezes, é comum encontrarmos debates sobre as implicações das novas tecnologias na sociedade, principalmente na internet, onde o seu uso é constantemente discutido.

Existe uma parte da população que valoriza as inovações, como os *chatbots* de IA, reconhecendo o seu potencial e apoiam seu uso, inclusive dão dicas para melhor aproveitar as suas funcionalidades. Por outro lado, existem preocupações relacionadas à educação, como a ética e a superficialidade do conhecimento, além do medo de que máquinas possam substituir a capacidade humana de raciocinar. Sobre isso, Duque *et al.* (2023, p. 6872) aborda:

Essa resistência pode ser atribuída à falta de familiaridade com as tecnologias inteligentes, ao receio de perder o controle sobre o processo de ensino-aprendizagem ou à crença de que as tecnologias podem substituir o papel do professor. Superar essa resistência requer um esforço conjunto que envolve oferecer formação

específica sobre a IA, promover espaços de reflexão e diálogo, e demonstrar os benefícios e potencialidades dessa tecnologia no contexto educacional.

O autor destaca que essa resistência ocorre muitas vezes pela falta de familiaridade, ou pelo medo de perder o controle. A IA como qualquer outra ferramenta tecnológica apresenta limitações e embora a ferramenta apresente conhecimentos diversos, seu acervo de informações conta com conhecimentos devidamente programados. Ou seja, aquilo que foge da sua programação, a ferramenta buscará na internet para fornecer dados os mais aproximados possíveis para seus usuários. Dessa forma, é um erro afirmar que a IA possa substituir qualquer profissão existente, a sua função fica mais limitada a ser um auxílio do que um substituto de fato.

4.1 Privacidade e Consciência Digital no Uso do ChatGPT

Assim que o uso crescente do chat GPT começou a tomar forma, muitos questionamentos sobre como de fato a ferramenta funcionava no que se refere a coleta de dados e privacidade do usuário, foram surgindo na internet, principalmente nas redes sociais. O que despertou em mim, a curiosidade e o receio por estar utilizando de forma inconsciente, uma ferramenta que recolhe e também fornece dados.

Passei a buscar informações sobre esses questionamentos e então perguntei ao próprio Chat GPT sobre o seu funcionamento nos bastidores, como por exemplo: para onde iam os dados inseridos nas interações e quais riscos poderiam existir, considerando que uma das características da IA é o fato de que ela aprende conforme interage com os seus usuários, portanto, informações pessoais poderiam estar de fato armazenadas nos dados da plataforma.

Em resposta, o chat GPT forneceu algumas informações sobre as diretrizes da empresa responsável pela sua criação e também forneceu o link da própria *OpenAI* com informações esclarecedoras sobre a sua ética, a coleta de dados e a segurança de privacidade. Sobre isso, a empresa *OpenAI* (2024) afirma que os dados dos usuários podem ser usados para aprimorar o sistema, exceto quando o histórico de conversas está desativado. A *OpenAI* afirma adotar medidas como criptografia e controle de acesso, além de permitir a exclusão de interações e o gerenciamento das configurações de privacidade. Ainda assim, recomenda que não se compartilhem informações sensíveis.

Essa busca por compreender o funcionamento da ferramenta me permitiu compreender que mais do que usar a tecnologia, é preciso saber o que há por trás dela. Como

futura pedagoga, percebo que educar com tecnologia é também educar sobre a tecnologia, especialmente ao formar cidadãos conscientes. Sobre isso Severo (2024, p. 13) afirma que:

Na multifacetada contemporaneidade em que vivemos, regida pelo digital, é imprescindível que façamos educação não apenas por meio das tecnologias, mas sobre as tecnologias, também, frisando seus impactos. O uso indiscriminado dessas ferramentas acarreta danos consideráveis aos usuários, individual e coletivamente. De questões éticas, como segurança e privacidade de dados, a problemas cognitivos, advindos dos excessos da artificialidade; os malefícios, inevitavelmente, contrastam com as imensuráveis benesses procedentes do domínio tecnológico.

A autora chama a nossa atenção para a necessidade de uma abordagem crítica e reflexiva na educação em relação às tecnologias digitais, especialmente no contexto atual que se encontra cada vez mais digitalizado. Dessa forma, conhecendo melhor como esse tipo de ferramenta funciona, passei então a utilizar o Chat GPT muito mais consciente das suas capacidades, reconhecendo-o como aliado, mas tendo o entendimento de que embora essas ferramentas sejam realmente úteis, podem sim oferecer riscos se não forem bem compreendidas.

4.2 O *chatbots* nos estudos da academia

Conforme afirma Gusdorf (1991), narrar a própria trajetória constitui-se como uma forma verdadeira de conhecimento, visto que, por meio da escrita autobiográfica, o sujeito não apenas rememora, mas também pode ressignificar aquelas que foram suas vivências, transformando-as em material para construir reflexão e identidade.

Desse modo, ao expor, a seguir, os benefícios e os desafios que encontrei ao fazer a utilização dessa tecnologia, compreendo que essa narrativa se apresenta, antes de tudo, como um testemunho daquela que foi minha a formação: expressão única de um percurso marcado por diferentes aprendizagens, improvisos e descobertas.

Usar os *chatbots* como auxílio nos meus estudos durante a graduação, trouxe uma variedade de benefícios, mas também desafios carentes de discussão. Inicialmente, a maior dificuldade foi a minha pouca familiaridade com a tecnologia. Apesar de serem projetados para serem acessíveis e intuitivos, demorei a compreender todas as suas funcionalidades, assim como as suas limitações.

Santos (2023), defende que embora as tecnologias com o nível de complexidade como a IA possam oferecer oportunidades consideradas valiosas para transformar a educação, para que o seu uso seja realmente eficaz, é necessário que exista uma abordagem mais equilibrada

e que considere tanto suas potencialidades, quanto seus riscos. É necessário que exista uma mediação pedagógica, feita de forma cuidadosa, e que políticas adequadas que garantam um aprendizado realmente eficaz e seguro sejam adotadas.

Pereira (2023) afirma que a interação com sistemas de Inteligência Artificial exige habilidades específicas para saber como formular perguntas e como informar adequadamente a IA. Embora esses sistemas não tenham memória sobre conversas anteriores, usam a técnica do *prompt* para gerar respostas interessantes e precisas. Por isso, é essencial compreender como a IA funciona e como usá-la de forma eficaz para obter os melhores resultados possíveis.

Contrastando com as falas do autor, destaco uma das muitas questões a qual lidei quando passei a utilizar os *chatbots* de IA, pois percebi que as respostas fornecidas nem sempre eram profundas ou específicas, muitas vezes eram muito genéricas ou superficiais, o que me obrigava a reformular várias vezes a mesma questão para obter informações mais alinhadas ao que eu estava buscando.

Barbosa *et al.* (2024) defendem que a IA utiliza uma linguagem estruturada e impessoal, evitando expressões subjetivas, e focando estritamente no foco abordado durante a pergunta. Um dos aprendizados mais importantes, foi entender também que o seu uso vai além de simplesmente fazer perguntas, afinal, para que tenha um funcionamento realmente eficiente, é preciso não somente perguntar, mas saber como fazer isso.

Russell & Norvig (2020) argumentam que modelos de linguagem como os presentes nos *chatbots* não possuem compreensão real; suas respostas são aproximações estatísticas baseadas em dados de treinamento, tornando a precisão do input crucial. Luckin (2018), por sua vez, afirma que ferramentas de IA devem ser usadas para ampliar, não substituir, a capacidade humana de aprender e ensinar. Os *chatbots* são ferramentas que são baseadas em aprendizado de máquina, então, é essencial elaborar *prompts* claros e detalhados para obter respostas mais específicas, quando as instruções são vagas, frequentemente se desviam do foco inicial.

Um outro desafio que enfrentei durante todo o processo, foi a tendência de depender de forma excessiva da ferramenta. Em alguns momentos, percebi que estava recorrendo aos *chatbots* para resolver questões simples e que poderiam ser exploradas de outras formas, como, por exemplo, fazendo leituras, discussões em sala de aula, ou explorando métodos de aprendizado mais comuns, como a velha leitura de artigos e as buscas mais profundas na web.

Zawacki-Richter, O. *et al.* (2019) defendem que sem mediação adequada, o uso de *chatbots* pode levar à aceitação passiva de informações, sem verificação ou reflexão profunda

A facilidade que me fornecia e o tempo que me poupava de não precisar permanecer horas navegando na internet em busca de determinados assuntos, gerou uma comodidade, o que posso considerar como algo positivo, pois afinal, essa percepção me abriu os olhos para entender os problemas que também podem representar.

Além do mais, nem sempre os *chatbots* conseguem compreender contextos específicos de determinadas áreas, como no meu caso, da Pedagogia. Dado a sua recente criação, ainda não dominam determinados temas mais complexos ou específicos. No entanto, à medida que interagem com seus usuários, os sistemas passam gradualmente a aprender suas respostas, por meio do *machine learning* (aprendizado de máquina).

Barbosa *et al.* (2024, p. 3), colocam que “aqueles que utilizam o ChatGPT percebem sua potencialidade, mas também se deparam com as implicações éticas dessa ferramenta.” Em segundos, “o chat é capaz de fornecer respostas para uma ampla gama de perguntas, desde que as informações estejam em seu banco de dados.” Dessa forma, é extremamente importante que quem os utiliza para questões educacionais, ou até mesmo outros desdobramentos, tenham em mente que não se deve considerar tudo que dão como resposta. Magalhães e Castro (2019, p. 3) afirmam que:

Esses chatbots tornaram-se comuns, mas apresentam limitações claras e raramente possuem algum potencial de aprendizado de máquina (*machine learning*), justamente por funcionarem a partir de regras pré-estabelecidas por um humano, sem possibilidade de interpretação das respostas fora do padrão que o consumidor possa vir a falar e, portanto, sem utilizar processamento de linguagem natural.

A partir das ideias das autoras Magalhães e Castro (2019) conseguimos ter uma percepção sobre a limitação que os *chatbots* possuem, embora úteis para tarefas repetitivas, esses sistemas podem se tornar ineficazes quando se deparam com perguntas mais complexas e fora do que foi programado, o que pode causar uma frustração nos seus usuários que buscam uma interação mais natural.

4.3 O uso crítico da IA na construção de pesquisas acadêmicas

Os *chatbots* podem ser úteis como ferramenta instrucional, desde que seu uso seja feito de forma ética e transparente. Celestino e Valente (2023). Nesse sentido, Barros e Guerreiro (2019) também argumentam que os *chatbots* têm uma grande limitação no sentido de que não

conseguem improvisar nem entender totalmente o contexto de uma conversa. Como são baseados em regras rígidas e algoritmos, suas funcionalidades atendem melhor quando são questionados para aquilo que foram programados. Se algo inesperado acontece, o sistema pode apresentar certa confusão, podendo dar informações sem sentido sem captar as nuances de uma conversa humana, o que um ser humano faria naturalmente.

Mediante essas informações, utilizar os *chatbots* como única ferramenta de pesquisa pode ser um erro grave, principalmente para quem o usa com objetivo de pesquisa acadêmica. É necessário sempre conferir as informações recebidas e, de preferência, fazer comparações com fontes acadêmicas conhecidas, como os livros, artigos científicos ou documentos oficiais.

Brynjolfsson e McAfee (2014) alertam que a dependência de tecnologias como *chatbots* podem levar à aceitação sem o devido questionamento de informações, especialmente quando os usuários não contestam a origem ou a razão lógica por trás das respostas obtidas. Santos (2023), também aborda sobre a Inteligência Artificial que deve ser vista como um meio de auxílio no processo educativo, que seja capaz de ampliar as possibilidades de aprendizagem e apoiar práticas pedagógicas mais inovadoras, sem substituir o papel essencial do pensamento crítico e da mediação humana.

Apesar das suas muitas limitações, a Inteligência Artificial foi de grande relevância durante as minhas pesquisas bibliográficas, as quais puderam ganhar mais amplitude graças a possibilidade da ferramenta de recomendar autores e pesquisas no mesmo ramo. Sempre que era necessário encontrar referências sobre um tema específico, eu fornecia os dados ao Chat GPT, que em resposta me entregava uma variedade de sugestões de textos, obras e autores não encontrados anteriormente em minhas próprias buscas.

Um fato relevante, foram as muitas indicações de autores estrangeiros. Nos momentos em que enfrentei dificuldades para fundamentar o meu TCC, o *chatbot* apontava estudiosos internacionais cujas abordagens coincidiam com os temas que eu pretendia explorar. Além disso, também auxiliava na tradução desses mesmos artigos em PDF, como a ferramenta possui a função de analisar arquivos, eu os enviava e pedia a tradução das obras fornecidas por ele. Nesse contexto, Sampaio *et al.* (2024) ressaltam como os modelos de IA derrubam barreiras linguísticas, processando artigos em um idioma e gerando resumos em outro. Essa capacidade, segundo os autores, amplia o acesso a bibliografias a princípio estritas e democratiza o conhecimento científico, impulsionando colaborações globais.

Utilizei a ferramenta ainda como filtro para selecionar as minhas leituras para a construção de pesquisas, como o memorial em questão. Sempre que buscava materiais para

fundamentações, a partir das palavras chaves, encontrava uma variedade de trabalhos com o mesmo tema, e para me ajudar a identificar as obras mais relevantes, eu enviava ao GPT esses trabalhos e solicitava um panorama geral que avaliasse a relevância das leituras mais alinhadas possível aos meus objetivos. Em seguida, eu o questionava onde seria possível encontrar mais informações para aprofundar o conhecimento naquele tema específico, e em resposta, o programa oferecia nome de autores, links de sites, artigos ou livros que falassem sobre o tema.

E mesmo quando o conteúdo não se alinhava totalmente, eu solicitava que destacasse os aspectos mais importantes do trabalho, que pudessem contribuir para o meu conhecimento, mesmo que indiretamente. Porém, essa utilidade não substitui a leitura de fato, embora pedisse um resumo das obras, era necessário lê-las, pois a ferramenta não se aprofundava nas partes mais ricas dos trabalhos.

Partindo disso, passei então a reconhecer essa, como uma das limitações da IA. Sobre a capacidade da IA na construção de textos de pesquisa, Bender *et al.* (2021) argumentam que, embora esses modelos sejam eficazes em gerar textos coerentes, não realizam análise crítica, nem possuem intencionalidade. Por isso, não podem substituir o trabalho humano em tarefas que exijam reflexão profunda e compreensão contextual, como escrever um artigo ou realizar uma análise acadêmica.

A UNESCO (2021) corrobora essa visão no documento em *IA e Educação: Orientações para Formuladores de Políticas*. Nele, é abordado que as redes neurais operam por padrões estatísticos, sem compreensão real do conteúdo, ou seja, sua "inteligência" é matemática, não reflexiva. Então é um erro concluir que a IA pensa, reflete e analisa como uma pessoa humana.

Partindo disso, passei a questionar a ferramenta sobre a origem das informações fornecidas, perguntando: "*De onde você tirou isso?*" ou "*Qual é a referência?*" E em resposta, por muitas vezes, recebia que o conteúdo era gerado por sua conta, de acordo com seus próprios dados. Embora, mesmo quando o *chatbot* indicava que os conteúdos eram de sua própria geração, algumas formulações coincidiam com informações encontradas posteriormente em outros lugares, o que reforça a importância de verificar as fontes das respostas recebidas, isso demonstra que o usuário precisa ter cuidado ao utilizar esses chats como única fonte de pesquisa, para que não cometam plágio inconsciente.

Nesse mesmo sentido, durante a construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a ferramenta serviu de auxílio principalmente em questões mais técnicas, como

dúvidas sobre normas da ABNT, por exemplo: como formatar citações diretas, indiretas, ajustes de margens, ou até mesmo para construir as referências bibliográficas por meio dos dados dos artigos e livros que eu os fornecia. No entanto, especificamente na elaboração das referências, o *Gemini* se destacou por conseguir construir referências bibliográficas com mais precisão e detalhes em comparação aos outros programas de IA.

Seu uso foi realmente eficaz, pois o programa capta detalhes mínimos seguindo o padrão ABNT mais recente, o que permitiu que o desenvolvimento da minha pesquisa fosse mais ágil, já que eu pude focar nas áreas realmente importantes, enquanto esses detalhes que exigem muito da nossa atenção, ficaram em segundo plano, com a ajuda da ferramenta.

Também utilizei programas como o GPT para obter dicas de concordância gramatical, conectivos e formas de tornar meus textos mais coesos e fluidos. Às vezes, eu escrevia determinado assunto e posteriormente, pedia que me explicasse a essência daquilo que estava sendo abordado, dessa forma, eu conseguia entender se de fato, o meu texto tinha a coerência que eu buscava alcançar.

Recebia em resposta, algumas possibilidades de organização textual, apresentava para mim os meus vícios de linguagem, oferecia sugestões de sinônimos para variar as palavras e evitar repetições, assim como sugestões de organização de parágrafos, características que pudessem deixar o texto mais fluido. Segundo Farias (2023, p. 80):

A Inteligência Artificial, como o ChatGPT, pode oferecer várias oportunidades para a escrita acadêmica. Algumas delas incluem: Auxiliar na revisão e edição de trabalhos acadêmicos: ChatGPT pode ser usado para ajudar os acadêmicos a revisar e editar seus trabalhos, identificando erros de gramática e sugerindo melhorias na escrita. Isso pode ajudar a economizar tempo e esforço, permitindo que os acadêmicos se concentrem em conteúdo e ideias. Gerar conteúdo automatizado: ChatGPT pode ser usado para gerar conteúdo automatizado, como resumos de artigos científicos, resenhas de livros e relatórios de pesquisa. Isso pode ser útil para acadêmicos que precisam produzir conteúdo em grandes volumes ou em curtos prazos. Análise de dados: ChatGPT pode ser usado para analisar grandes volumes de dados e identificar padrões, o que pode ajudar os acadêmicos a identificar tendências e fazer descobertas científicas.

Desse modo, todos os aspectos técnicos e estruturais de um texto, a IA é capaz de ajudar, dar dicas e sugestões de organização. O que a IA não é capaz de fazer, é pensar por seu usuário, muito menos transmitir emoções e reflexões profundas. Ainda nesse sentido, o autor Farias (2023, p 81) afirma que:

É importante lembrar que a IA não substitui a escrita acadêmica humana. O acadêmico ainda é responsável pela veracidade dos dados e pela originalidade do conteúdo. Além disso, é importante garantir que o uso de IA seja ético e responsável, evitando a manipulação de dados ou a geração de conteúdo falso.

Nesse sentido, a IA deve ser vista como ferramenta de apoio. A responsabilidade ética e autoria devem ser compromissos humanos, além disso, o uso consciente fortalece a formação acadêmica.

Ainda no sentido da escrita, Barbosa, Taveira e Peralta (2024) defendem que o chat GPT faz uso predominante de substantivos, adjetivos e conectores em suas respostas e sua linguagem geralmente é mais objetiva, estruturada e técnica, visto que seu foco é transmitir informações claras, pouco subjetivas ou afetivas. Enquanto uma pessoa humana tende a fazer uso frequentes de pronomes, advérbios e verbos, possuindo uma linguagem mais rica e descritiva, além de focar na memória pessoal, em experiências e aspectos humanos e sociais.

Nesse sentido, embora *chatbots* como o GPT possuam linguagens mais rebuscadas, e possam de fato construir textos muito bem estruturados, suas funcionalidades não substituem a riqueza e a profundidade das falas humanas. Portanto, embora os chats apresentem evidentes limitações, a sua funcionalidade como ferramenta de organização em diversas situações se mostrou realmente necessária. Um exemplo, é quando montou para mim um cronograma com datas e prazos, com ordem de prioridade de detalhes que eu gostaria de ajustar, acrescentar ou remover no meu texto de memorial.

Dessa forma, foi possível ter um aproveitamento mais direcionado do meu tempo dedicado à escrita, já que por meio do cronograma, era possível fazer ajustes diferentes diariamente, sem perder tempo demais em uma coisa e sem deixar de priorizar outras mais importantes. Ressalto, porém, que a IA, não substitui orientações humanas. Enquanto a ferramenta resolvia aspectos mais técnicos, a análise narrativa, o olhar crítico e a empatia vieram exclusivamente da orientadora, elementos estes que são essenciais em trabalhos que exigem profundidade e subjetividade, como um memorial formativo.

Em síntese, a Inteligência Artificial se mostrou de grande utilidade como auxílio e complemento, todavia, o seu uso necessita de equilíbrio entre aproveitar a eficiência técnica e reconhecer suas fragilidades e limites. Viver essa experiência como discente foi revelador, pois percebi que a IA, mesmo facilitando tarefas técnicas e organizacionais, nunca substituirá a profundidade da reflexão humana ou da análise crítica.

Essa descoberta também se mostrou reveladora conforme fui pensando também nas minhas narrativas. A partir do ato de rememorar essas experiências, pude moldar a minha

visão de hoje. E como futura pedagoga, sinto o dever de orientar meus futuros alunos a usar essas ferramentas tirando proveito do melhor que podem oferecer, claro, que com responsabilidade, transformando-as em aliadas que possam fortalecer sua autonomia intelectual. Esta jornada, enriqueceu a minha formação e contribuiu para o meu compromisso com uma educação que possa integrar a tecnologia de forma ética e consciente.

4.4 A Prática Pedagógica Frente às Inovações Tecnológicas na Educação

Essa experiência com a Inteligência Artificial reforça a importância de se ter uma consciência mais crítica diante das inovações tecnológicas que surgirão, sendo essa, habilidade essencial para o pedagogo da atualidade. Ao refletir sobre a minha trajetória acadêmica, percebo como as experiências que vivi como aluna em contextos conectados e desconectados, ajudaram a construir a minha visão sobre o papel do pedagogo também.

Lopes e Hegemeyer (2023) afirmam que a identidade profissional do professor, começa a se formar justamente nos processos de socialização e vai sendo construída conforme o indivíduo reflete sobre a sua própria prática, à medida também em que dialoga constantemente com seus colegas e passa a viver intensamente o cotidiano da profissão.

Os autores também enfatizam que tanto a formação inicial, quanto a continuada, além do próprio ambiente de trabalho, são extremamente importantes nesse processo, por isso mesmo, defendem de forma concisa o uso da pesquisa (auto)biográfica, que valoriza acima de tudo a escuta dos participantes e as suas experiências, como uma das formas mais eficazes de compreender a docência.

As reflexões sobre a constituição da identidade docente, que compõem a minha trajetória acadêmica, me mostraram o quanto cada experiência vivida contribuiu consideravelmente para o meu eu como pedagoga. Por meio da escrita narrativa, ao revisitar essas vivências, compreendo de forma mais madura e crítica, como elas se conectam com os desafios e as muitas possibilidades da prática educativa.

Escrever sobre essas memórias além de recordar, é também ressignificar e compreender de fato as coisas que me formaram, me inquietaram e que me impulsionaram a construir minha prática pedagógica. Um dos exemplos mais marcantes nesse processo, é identificar a ausência de recursos tecnológicos em muitos contextos da minha jornada educacional os quais estive inserida como aluna.

Essa percepção da realidade sobre uma época limitadora, passou a ser mais evidente quando já na graduação, passei a considerar o seu impacto em minha aprendizagem. Essas reflexões despertaram em mim o desejo de promover uma educação muito mais inclusiva, na qual as tecnologias digitais, hoje mais acessíveis e diversificadas, possam ser utilizadas de forma consciente e criativa.

Por fim, sob um olhar mais maduro, percebo como o uso, ou a ausência das tecnologias digitais ao longo da minha formação, influenciou também diretamente a minha visão sobre o papel do educador e despertou em mim o compromisso com uma prática pedagógica que possa valorizar a transformação do espaço escolar.

Severo (2024) defende que o papel do professor vai além de ensinar conteúdo, este deve promover experiências que levem os alunos a refletirem criticamente, colaborarem e se posicionarem eticamente diante das novas tecnologias como a Inteligência Artificial. Nesse sentido, reconheço que um dos papéis do educador é acolher essas novas tecnologias com responsabilidade, garantindo que a sua aplicação esteja sempre alinhada aos princípios fundamentais para uma prática mais consciente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este memorial buscou compreender, a partir das minhas próprias experiências, os impactos positivos e os desafios que a presença das tecnologias, sobretudo dos *chatbots* de Inteligência Artificial, trouxe para a minha formação. Ao concluí-lo, percebo mais claramente, o quão fundamental essa construção se mostrou, sobretudo por me permitir reconhecer e valorizar ainda mais a minha própria história, as minhas perseveranças, vivências e experiências.

Através da construção deste trabalho, ficou evidente como as tecnologias foram ferramentas importantes, que aliadas ao meu protagonismo, o meu esforço e a minha capacidade reflexiva se revelaram indispensáveis para construir a minha formação.

Além disso, o processo dessa escrita me possibilitou reelaborar memórias, dando novos significados e, por meio das experiências narradas, fortalecer a minha identidade como futura educadora. Nesse sentido, narrar essas vivências foi um processo muito intenso, por vezes até doloroso, mas também terapêutico e transformador. Por meio de suas funcionalidades, foi possível transformar algumas experiências difíceis em aprendizados, e as positivas, em inspiração.

Este trabalho pode ser considerado relevante em muitos aspectos. Primeiramente, porque promove uma reflexão realista e pessoal sobre o uso de tecnologias na formação acadêmica, fugindo do padrão de abordagens que visam apenas idealizar o lado técnico.

O presente memorial expõe as muitas possibilidades, mas também analisa as limitações e os desafios que essas tecnologias, em especial os *chatbots* de Inteligência Artificial, podem apresentar. Isso pode servir de alerta, reflexão e inspiração para outras pessoas que vivenciam situações semelhantes, tentando conciliar estudo, trabalho, tecnologia e vida pessoal.

Considero que os objetivos propostos foram alcançados, pois essa jornada de escrita através deste memorial, me permitiram compreender que as tecnologias ao longo da minha trajetória, puderam transformar a minha forma de aprender. Como por exemplo, o rádio, os jornais, as revistas e a televisão, tecnologias consideradas simples à primeira vista, mas que contribuíram de forma única para a construção da minha criatividade.

Ou como a chegada da internet, dos computadores, dos smartphones, das inúmeras ferramentas digitais utilizadas desde a escola, até o ingresso à universidade, contribuíram

para expandir o meu conhecimento, me permitindo ter maior autonomia, facilitando o acesso a lugares antes não alcançados.

A internet, os meios digitais, os recursos tecnológicos e a Inteligência Artificial permitiram ao meu eu enquanto estudante, ter um aprendizado mais flexível, acessível, sendo estas, ferramentas essenciais para suprir muitas das lacunas deixadas pela educação tradicional a qual estive inserida durante boa parte da minha vida escolar.

Por meio dessas narrativas, ficou evidente o quanto a Inteligência Artificial se consolidou como ferramenta multitarefas na educação, com suas inúmeras possibilidades, com a sua capacidade de auxiliar em planejamentos, organizar conteúdos, facilitar a compreensão de textos complexos, no desenvolvimento de atividades, na tradução de artigos estrangeiros, na sugestão de ideias etc.

No entanto, essa mesma experiência que me permitiu analisar os lados positivos do uso das tecnologias, também provocou algumas reflexões sobre a importância do letramento digital, principalmente para entender os riscos e as limitações do seu uso inconsciente. Essas ferramentas, como as que funcionam por meio da IA, precisam ser devidamente analisadas, pois carregam questões sérias que exigem a nossa atenção.

Como, por exemplo, a dependência excessiva causada pelo seu uso inconsciente, ou as questões de privacidade e segurança de dados que nem sempre conhecemos. É importante entender na íntegra o devido funcionamento dessas ferramentas, para que não forneçamos informações indevidas na interação em nossas interações.

Além disso, ainda existem questões mais profundas, como o uso dessas tecnologias substituindo a inteligência humana, o que pode comprometer a nossa capacidade de analisar e pensar por conta própria. Por isso, é fundamental discutir também sobre a mediação devida na sua utilização. Pois, caso contrário, podem gerar o efeito adverso, servindo como um instrumento de desinformação para o aprendizado do usuário.

Diante de tudo que foi exposto até o presente momento, finalizo essa pesquisa afirmando que esse memorial vai muito além de um simples relato sobre a minha trajetória acadêmica. Podendo se consolidar como um espaço de reflexão em que eu resgato e ressignifico a minha própria história, em que eu me permito compreender como cada etapa da minha formação foi essencial para a construção de quem eu sou, tanto como pessoa como futura educadora.

Ao longo desta escrita, percebi que revisitar o meu passado e olhar para essas experiências vividas, refletindo sobre o impacto dessas tecnologias na minha caminhada,

também foi uma oportunidade muito valiosa de aprendizado. Mais do que isso, esse trabalho compreende que a nossa história tem um valor formativo imensurável quando olhamos com intencionalidade e quando atribuímos sentido às nossas experiências, extraindo aquilo que têm de melhor.

Durante esse percurso de escrita e reflexões, também ficaram evidentes a necessidade de analisar, refletir e discutir sobre os desafios e as exigências que a docência exige nos dias atuais. Pois no contexto atual em que nos encontramos, é impossível pensar na atuação do professor sem considerar o papel das tecnologias digitais na sua prática.

Essas mesmas tecnologias que elevam o potencial do ensino e permite uma aprendizagem mais inclusiva, personalizada e criativa, exigem também uma atenção mais consciente sobre o seu uso. Estas que foram fundamentais no meu percurso formativo, abrindo portas, facilitando tarefas do cotidiano, ampliando o meu leque de possibilidades no estágio obrigatório, também precisam da mediação adequada e do devido conhecimento sobre as suas funcionalidades.

Finalizo esta pesquisa, afirmando que foi possível trazer esses elementos com sensibilidade, fazendo análises críticas para enriquecer os relatos apresentados, correlacionando-os com o contexto educacional atual e com referências teóricas relevantes, como a perspectiva de Josso sobre narrativas ou a discussão da UNESCO sobre IA na educação. Essa pesquisa representa mais do que o encerramento de um ciclo, representa também o início de novas possibilidades que surgirão.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Fabio José de; BARBOSA, Francisco José. A Inserção da Inteligência Artificial na Educação: Repensando a Prática Pedagógica para o Futuro. **UNIVC REVISTA RZ**, São Mateus, v. 1, n. 1, p. 147-160, 2024. Disponível em: <https://revista.ivc.br/index.php/revistafoz/article/view/348/164>. Acesso em: 17 mai. 2025.

ARAÚJO, Fábio Júnior. **Formação docente em tempos de crise**: uma análise do cenário pandêmico e o papel das novas tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICS) na prática docente. Formiga, MG: Editora MultiAtual, 2023.

BARBOSA, Roberta de Oliveira; TAVEIRA, Flávio Augusto Leite; PERALTA, Deise Aparecida. Entre respostas digitais e saberes experienciais: o ChatGPT e a educação em perspectiva crítica. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 12, n. 30, p. 1–18, abr. 2024. DOI: <https://doi.org/10.33361/RPQ.2024.v.12.n.30.723>. Acesso em: 2 dez. 2024.

BARROS, Andressa Fernandes de. O uso das tecnologias na educação como ferramentas de aprendizado. **Revista Científica Semana Acadêmica**, [S. l.], v. 1, n. 000156, 2019. ISSN 2236-6717. Qualis CAPES: B3 Educação. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/artigo/o-uso-das-tecnologias-na-educacao-como-ferramentas-de-aprendizado>. Acesso em: 2 dez. 2024.

BARROS, D. M. V.; GUERREIRO, A. M. Novos desafios da educação a distância: programação e uso de chatbots. **Espaço Pedagógico: Revista de Educação**, [local de publicação ausente], v. 26, n. 2, p. 410–431, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333072535_Novos_desafios_da_educacao_a_distancia_programacao_e_uso_de_Chatbots. Acesso em: 15 dez. 2024.

BENDER, Emily M.; GEBRU, Timnit; McMILLAN-MAJOR, Angelina; SHMITCHELL, Shmargaret. On the dangers of stochastic parrots: Can language models be too big? In: Proceedings of the 2021 ACM Conference on Fairness, Accountability, and Transparency (FAccT '21). Virtual Event, Canada, 3–10 mar. 2021. New York: ACM, 2021. p. 610-623. DOI: <https://doi.org/10.1145/3442188.3445922>.

BENETTI, Idonezia Collodel; OLIVEIRA, Walter Ferreira de. O poder terapêutico da escrita: quando o silêncio fala alto. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 67-76, 2016. DOI: 10.5007/cbsm.v8i19.69050. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69050/41531>. Acesso em: 15 mai 2025.

BRYNJOLFSSON, Erik; MCAFEE, Andrew. **The Second Machine Age**: work, progress, and prosperity in a time of brilliant technologies. New York: W. W. Norton & Company, 2014. Disponível em: <http://digamo.free.fr/brynmacafee2.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2025.

BROWN, Tom B. *et al.* Language Models are Few-Shot Learners. In: ADVANCES IN NEURAL INFORMATION PROCESSING SYSTEMS, 33, 2020, [S. l.]. **Anais [...]**. [S. l.]:

[s. n.], 2020. p. 1877-1901. Disponível em: <https://arxiv.org/pdf/2005.14165.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2025.

CARR, Nicholas. *The Shallows: What the Internet Is Doing to Our Brains*. New York: W. W. Norton & Company, 2010.

CARVALHO, Isabel Cristina Louzada; RODRIGUES, Nilcéa Elias. Impactos e possibilidades das tecnologias no contexto socioeducacional. **Encontros Bibli: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 11, jun. 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n11p1>. Acesso em: 15 abr. 2025.

CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (Org.). *A sociedade em rede: do conhecimento à acção política*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.

CELESTINO, Marcelo Salvador; VALENTE, Vânia Cristina Pires Nogueira. O uso da ferramenta ChatGPT no suporte à educação e à produção acadêmica. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 26, n. 00, p. 1-18, 2023. DOI: 10.20396/etd.v26i00.8673464. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8673464/34391>. Acesso em: 10 mai. 2025.

CHAVES, Eduardo. **O futuro da escola na sociedade da informação**. Brasília, DF: Ministério da Educação e Cultura; São Paulo: Mindware Editora, 1998. Disponível em: https://miniweb.com.br/atualidade/Tecnologia/Artigos/colecao_proinfo/livro20_futuro_escola.pdf. Acesso em: 21 jan. 2025.

DUQUE, Regina de Cássia da Silva *et al.* Formação de professores para o uso de tecnologia: a Inteligência Artificial (IA) e os novos desafios da educação. **Caderno Pedagógico**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 838–852, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.54033/cadpedv20n2-010>. Acesso em: 15 mar. 2025.

FARIAS, Salomão Alencar de. Pânico na academia! Inteligência Artificial na construção de textos científicos com o uso do ChatGPT. **RIMAR - Revista Interdisciplinar de Marketing**, Maringá, v. 13, n. 1, p. 1-10, jan. 2023. DOI: 10.4025/rimar.v13i1.66865. Disponível em: [https://doi.org/10.5753/sbceeb.2024.1760.ticle/view/66865/751375155470](https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rimar/arFERNANDES, Raquel Moreira Machado; TEIXEIRA, Claudia Maria Francisca; MOTTA, Claudia Lage Rebello da; CARMO, Luiz Fernando Rust da Costa. Segurança e responsabilidade no uso de tecnologia computacional – Uma proposta de abordagem de Malwares no primeiro ano do ensino fundamental. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE COMPUTAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA (SBC-EB), 1. , 2024, Porto Alegre/RS. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2024 . p. 215-219. DOI: <a href=). Acesso em: 17 jun. 2025.

FERREIRA, Lúcia Rocha. Oralidade e memória: a função das narrativas na educação. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 27-53, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2014v33n1p27>. Acesso em: 15 mai. 2025.

FERNANDES, Renato Matos de Macedo; TEIXEIRA, Cristina Maria Farias. Segurança e responsabilidade no uso de tecnologia computacional – Uma proposta de abordagem de Malwares no primeiro ano do ensino fundamental. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO E DE SISTEMAS COMPUTACIONAIS (SBSeg), 2024, [Local do Evento]. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2024. Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/sbceb/article/view/28687>. Acesso em: 9 fev. 2025.

FIOLHAIS, C.; TRINDADE, J. Física no Computador: o Computador como uma Ferramenta no Ensino e na Aprendizagem das Ciências Físicas. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, v. 25, n. 3, p. 259-272, set. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbef/a/8x9p4DVZXL3KRq9K8Bcn6Rg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 abr. 2025

FRANÇA, Adriano; FURLIN, Neiva. Educação e desigualdades digitais durante a pandemia da COVID-19: análise da produção científica. **Revista Linguagem, Educação e Sociedade - LES**, [S. l.], v. 27, n. 53, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.26694/rles.v27i53.3667>. Acesso em: 15 mar. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Dennis dos Santos. Inteligência Artificial: Conceitos e Aplicações. **Revista Olhar Científico – Faculdades Associadas de Ariquemes**, Ariquemes, v. 1, n. 2, ago./dez. 2010. Disponível em: https://www.professores.uff.br/screspo/wp-content/uploads/sites/127/2017/09/ia_intro.pdf. Acesso em: 25 fev. 2025.

GUSDORF, Georges. **Lignes de vie I**. Les écritures du moi. Paris: Odile Jacob, 1991a. Disponível em: https://web.english.upenn.edu/~cavitch/pdf-library/Gusdorf_Lignes_de_vie_1_Les_E%CC%81criture_du_moi.pdf. Acesso em: 17 mai. 2025.

GUSDORF, Georges. **Lignes de vie II. L'auto-bio-graphie**. Paris: Odile Jacob, 1991b.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre, v. 30, n. 63, p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/gepiem////2008/09/a_tranfor2.pdf. Acesso em: 15 jun. 2025.

KASNECI, E. *et al.* ChatGPT for good? On opportunities and challenges of large language models for education. **Learning and Individual Differences**, v. 103, 2023. DOI: 10.1016/j.lindif.2023.102274. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1041608023000195>. Acesso em: 28 mai. 2025.

KING, A. L. S.; NARDI, A. E.; CARDOSO, A. A nomofobia dependência do computador, internet, redes sociais? Dependência do telefone celular? O Impacto das Novas Tecnologias no Cotidiano dos Indivíduos Aspectos: Clínico Cognitivo-Comportamental, Social e Ambiental. **ATHENEU**, p. 10-19, 2014.

KLOPFENSTEIN, L. C. *et al.* The rise of bots: a survey of conversational interfaces, patterns, and key challenges. In: **PROCEEDINGS OF THE 2017 CONFERENCE ON DESIGNING INTERACTIVE SYSTEMS**, [S. l.], p. 555–565, 2017. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/the-rise-of-bots-a-survey-of-conversational-interfaces-patterns-and-paradigms/76937120>. Acesso em: 20 mai. 2025.

JÚNIOR, Paulo Eduardo Galvez. **Impacto das Mídias Sociais no Processo de Ensino Aprendizagem**. Saberes da Educação, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 1-10, jan./jun. 2014. Disponível em: https://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Paulo.pdf. Acesso em: 17 jun. 2025.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Adriléia de Moura; AGANETTE, Elisângela Cristina. A personalização do serviço de referência em bibliotecas universitárias com o uso da Inteligência Artificial generativa. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 30, p. 1–27, 2025. DOI: 10.5007/1518-2924.2025.e103494. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/103494>. Acesso em: 14 mai 2025.

LOBO, Danyelle França. Plágio ou autoria: o Chat GPT na perspectiva da ética acadêmica. 2023. 66 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/7727/1/DANYELLE%20FRAN%C3%87A%20LOBO.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2025.

LOPES, Debora Cristina; HAGEMEYER, Regina Cely de Campos. Narrativas (auto)biográficas e a identidade profissional docente em Geografia: as contribuições do diário narrativo. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 13, n. 23, p. 05-27, jan./dez. 2023. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/1331>. Acesso em: 17 mai. 2025.

LUCKIN, Rose. **Aprendizado de máquina e inteligência humana: o futuro da educação para o século 21**. Londres: UCL Institute of Education Press, 2018. Disponível em: <https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/10178695/1/Machine%20Learning%20and%20Human%20Intelligence.pdf>. Acesso em: 14 mai 2025.

LUCKIN, Rose; HOLMES, Wayne. **Intelligence Unleashed: an argument for AI in Education**. London: UCL Knowledge Lab, 2016. Disponível em: <https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/1475756/>. Acesso em: 14 mai 2025.

MACHADO, A. P. *et al.* Metodologia de Pesquisa em uso de Inteligência Artificial Generativa: reflexões éticas e científicas na prática acadêmica. **Annales Faje**, [S. l.], v. 9, n. 5, p. 100, 2025. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/5946>. Acesso em: 14 mai 2025.

MAGALHÃES, Marcela Roméro; CASTRO, Rayssa Bastos de. **Avaliação do uso de chatbots por parte das empresas como meio de atendimento ao consumidor**. 2019. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação em Web Intelligence & Digital Analytics) – Centro de Referência em Inteligência Empresarial, COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.crie.ufrj.br/assets/Centro-de-estudos/wida-04-chatbots-final-2.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2025.

MASSOLA, Gisele. USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS, AUTONOMIA NA APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO TÉCNICA INTEGRADA AO ENSINO MÉDIO: POSSIBILIDADES PARA INCLUSÃO DIGITAL. **Anais do CIET:EnPED:2020 - (Congresso Internacional de Educação e Tecnologias | Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância)**, São Carlos, ago. 2020. ISSN 2316-8722. Disponível em: <<https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1838>>. Acesso em: 17 jun. 2025.

MCTEAR, Michael; CALLEJAS, Zoraida; GRIOL, David. **The conversational interface: talking to smart devices**. Switzerland: Springer, 2016.

MINDAL, Clara B. O memorial como instrumento pedagógico na formação de professores. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 16, p. 25-34, jun. 2003. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicoeduca/article/view/31360>. Acesso em: 26 maio 2025.

MORAIS, Joelson de Sousa. Narrativas de histórias de vida, conhecimento de si e (auto)formação no curso de Pedagogia. **Revista Crítica Histórica**, Maceió, v. 14, n. 28, p. 62–83, 2023. DOI: 10.28998/rchv14n28.2023.0005. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/16452>. Acesso em: 26 mar. 2025.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas, SP: Papirus, 2014.

MOURA, Késsia Mileny de Paulo; FRANCO, Sergio Roberto Kieling; CARVALHO, Herli de Sousa. Despertar para a docência como profissão: o que revelam as narrativas autobiográficas digitais. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 71, p. 221–240, out./dez. 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/66257>. Acesso em: 15 mai 2025.

MOUTINHO, Karina; DE CONTI, Luciane. Análise Narrativa, Construção de Sentidos e Identidade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 32, n. 2, p. 1-8, abr./jun. 2016. DOI: 10.1590/0102-37720322213. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/tsfbSKpvYzygrVG5mrP7x4Q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 mai. 2025.

NEVES, Barbara Coelho. Inteligência Artificial e computação cognitiva em unidades de informação: conceitos e experiências. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, RJ, v. 7, n. 1, p. 186–205, 2020. DOI: 10.21728/logcion.2020v7n1.p186-205. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/5260>. Acesso em: 15 jun. 2025.

OPENAI. **Política de Privacidade**. 2024. Disponível em: <https://openai.com/pt-BR/policies/privacy-policy/>. Acesso em: 21 mai. 2025.

OTA, M. A. *et al.* Aprendizagem adaptativa online: uma experiência usando trilhas e chatbot para desenvolver competências básicas em Língua Portuguesa e Matemática para o ensino superior. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10451/63339>. Acesso em: 13 jan. 2025.

PAIVA, Daniel Costa de; ALVES, Hugo Verly. Evolução Tecnológica e as Diferentes Gerações. **Brazilian Journal of Technology, Communication, and Cognitive Science (Revista Teccog)**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 11-20, jul. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/328139344_Evolucao_Tecnologica_e_as_diferentes_geracoes. Acesso em: 15 jan. 2025

PASSEGGI, Maria da Conceição Botelho Sgadari. A experiência em formação. *Educação*, [S. l.], v. 34, n. 2, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/8697>. Acesso em: 20 dez. 2024.

PICÃO, Fábio; GOMES, Lucas; ALVES, Luciene; BARPI, Odinei; LUCCHETI, Tatiane. Inteligência Artificial e educação: como a IA está mudando a maneira como aprendemos e ensinamos. **Revista Amor Mundi**, [S. l.], v. 4, n. 5, p. 197-201, 2023. DOI: 10.46550/amormundi.v4i5.254. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/373998642_INTELIGENCIA_ARTIFICIAL_E_EDUCACAO_COMO_A_IA_ESTA_MUDANDO_A_MANEIRA_COMO_APRENDEMOS_E_ENSINAMOS/link/650842629fdf0c69dfda53ce/download. Acesso em: 11 dez. 2024.

PEREIRA, Josias. **A Inteligência Artificial e o Processo Educacional**: desafios e possibilidades na era do ChatGPT. Pelotas: Editora Rubra Cinematográfica, 2023.

POERSCH, José Marcelino. A leitura como fonte do saber linguístico: processos cognitivos. **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 36, n. 3, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/14594>. Acesso em: 15 mai 2025.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. **Memorial de formação**: quando as memórias narram a história da formação. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2005. Disponível em: https://www.academia.edu/1861809/Memorial_de_forma%C3%A7%C3%A3o_quando_as_mem%C3%B3rias_narram_a_hist%C3%B3ria_da_forma%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 11 dez. 2024.

RESENDE, Rafael Oliveira *et al.* A influência da tecnologia na educação: a evolução do ensino no Brasil e o papel da escola pública na democratização da educação brasileira. In: CONEDU, 9., 2023, **João Pessoa**. Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/97411>. Acesso em: 13 abr. 2025.

RODRIGUES, Cláudia Flores. Narrativas de si: estratégia de formação para (re) pensar a docência articulada ao processo de formação do sujeito. **Póesis Pedagógica**, Imperatriz, v. 8, n. 1, p. 172-186, jan./jun. 2010. DOI: 10.5216/rpp.v8i1.12180. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rpp.v8i1.12180>. Acesso em: 20 mai. 2025.

RODRIGUES, Olira Saraiva; RODRIGUES, Karoline Santos. A Inteligência Artificial na educação: os desafios do ChatGPT. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 121, p. 1168-1188, out./dez. 2023. DOI: 10.1590/1983-3652.2023.45997. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ensaio/a/Jb6P5c5y3dSyLgK4wW5H6kQ/?lang=pt>. Acesso em: 01 jun. 2025.

RONDINI, C. A.; PEDRO, K. M.; DUARTE, C. dos S. Pandemia do COVID-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente. **Interfaces Científicas - Educação**, [local de publicação ausente], v. 10, n. 1, p. 41-57, 2020. DOI: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v10n1p41-57>.

ROUSE, M. Chatbot (Conversational Agent). In: **TechTarget**. 2021. Disponível em: <https://www.techtarget.com/whatis/definition/chatbot>. Acesso em: 2 mai 2025.

RUSSELL, Stuart J.; NORVIG, Peter. **Artificial intelligence: a modern approach**. 4. ed. Pearson, 2020. Disponível em: <https://www.pearson.com/en-us/subject-catalog/p/artificial-intelligence-a-modern-approach/P200000003500/9780137505135>. Acesso em: 10 nov. 2024.

SAMPAIO, Rafael Cardoso *et al.* ChatGPT e outras IAs transformarão a pesquisa científica: reflexões sobre seus usos. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 32, n. 008, 2024. DOI: 10.1590/1678-98732432e008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/J6tL9Xh8XyF5P9W3K9M7hRk/?lang=pt>. Acesso em: 23 mai 2025.

SANTIAGO, Priscila Cristiane Rodrigues Araújo. **A história do rádio e da televisão pela perspectiva biográfica-midiática de Sérgio Reis**. 2017. 100 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 6 dez. 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/1907>. Acesso em: 20 abr. 2025.

SANTOS, Bruno Rodrigues dos; BORGES, Filipe Batista; RODRIGUES, Alessandro Arraes; SOUZA, Hudson Sérgio de. A evolução da tecnologia: vivendo uma nova era. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA – XI EPCC, 2019, Maringá. **Anais eletrônicos**. Maringá: UniCesumar, 2019. Disponível em: <https://rdu.unicesumar.edu.br/bitstream/123456789/13991/1/2269.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2025.

SANTOS, Douglas Manoel Antonio De Abreu Pestana Dos. Inteligência Artificial na educação: potencialidades e desafios. **SCIAS Edu., Com., Tec.**, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 74-89, jul./dez. 2023. e-ISSN: 2674-905X. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sciasedcomtec/article/download/7692/4979/32205>. Acesso em: 20 fev. 2025.

SANTOS, Rosangela Padilha Thomaz Dos. O papel das narrativas escritas na formação docente: o processo de ensino e aprendizagem em foco. **Anais VII CONEDU - Edição Online...** Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/69090>>. Acesso em: 21 mai 2025.

SEVERO, Lourena Lauana Santos. **Multiletramentos e Inteligência Artificial em sala de aula**: vivências do educador residente no Programa de Residência Pedagógica. 2024. 120 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura plena em Letras – Língua Inglesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, Unidade Acadêmica de Letras, Cajazeiras, PB, 2024. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/40723>. Acesso em: 02 mai. 2025.

SIEMENS, George. Connectivism: A Learning Theory for the Digital Age. **International Journal of Instructional Technology and Distance Learning**, [S. l.], v. 2, n. 1, jan. 2005. Disponível em: http://www.itdl.org/Journal/Jan_05/article01.htm. Acesso em: 20 dez. 2024.

SILVA, Daniele Nunes Henrique; SIRGADO, Angel Pino; TAVIRA, Larissa Vasques. Memória, narrativa e identidade profissional: analisando memoriais docentes. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 21, n. 71, p. 166-193, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/wpHFc5QtNMvB6DcNzJypZms/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 jun. 2025.

SILVA, Gorete Rodrigues da; MOURA, Ivan Rodrigues de. **A importância do pedagogo e suas atribuições na instituição educacional**: uma abordagem sistêmica na Creche Tia França na cidade de Água Branca – PI. 2017. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Instituto Superior de Educação Programas – ISEPRO, [S. l.], 2017. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/35358>. Acesso em: 03 jun. 2025.

SILVA, Haíla Ivanilda; GASPAR, Mônica. Estágio supervisionado: a relação teoria e prática reflexiva na formação de professores do curso de Licenciatura em Pedagogia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 99, n. 251, p. 205-221, jan./abr. 2018. DOI: 10.24109/2176-6681.rbep.99i251.3093. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/hX97HhvkMZnDnKxLyJtVXzr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 jun. 2025.

SILVA, Josué Jorge Gonçalves da *et al.* (Org.). **O futuro da educação na era da Inteligência Artificial**: um guia completo para educadores entenderem e aplicarem as novas tecnologias. [S. l.]: Editora Aluz, 2024. Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/868429/2/Ebook_O_Futuro_Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 17 jun. 2025.

SILVA, Vinicius Lopes da. **Ética e responsabilidade na era da Inteligência Artificial**: aprendizagem digital no chat GPT. 2023. 27 f. Monografia (Especialização) - Pós-graduação Lato Sensu em Mídia e Educação - Universidade Federal do Pampa/UAB - Universidade Aberta do Brasil, Campus São Borja, São Borja, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unipampa.edu.br/jspui/handle/riu/8334>. Acesso em: 05 jun. 2025.

SPINAK, Ernesto. Inteligência Artificial e a comunicação da pesquisa. **SciELO em Perspectiva**, 2023. Disponível em:

<https://blog.scielo.org/blog/2023/10/25/inteligencia-artificial-e-a-comunicacao-da-pesquisa/>. Acesso em: 23 mai 2025.

VERASZTO, Estera. V.; SILVA, Deivison da; MIRANDA, Neide A.; SIMON, Francisco O. Tecnologia: buscando uma definição para o conceito. **PRISMA.COM**, Porto, n. 8, p. 19–46, 2009. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2065>. Acesso em: 15 jun. 2025.

UNESCO. MIAO, Fengchun; HOLMES, Wayne; HUANG, Ronghuai; ZHANG, Hui. **AI and education: guidance for policy-makers**. Paris: UNESCO, 2021. ISBN 978-92-3-100447-6. Disponível em: <https://doi.org/10.54675/PCSP7350>. Acesso em: 27 mai 2025.

XAVIER, A. C. Letramento digital: impactos das tecnologias na aprendizagem da Geração Y. *Calidoscópio*, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 3–14, 2011. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/748>. Acesso em: 18 mai. 2025.

ZAWACKI-RICHTER, Olaf *et al.* Systematic review of research on artificial intelligence applications in higher education – where are the educators? **International Journal of Educational Technology in Higher Education**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 39, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1186/s41239-019-0171-0>. Disponível em: <https://educationaltechnologyjournal.springeropen.com/articles/10.1186/s41239-019-0171-0>. Acesso em: 14 mai 2025.